UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL/RS)
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação

UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO FISICULTURISMO FEMININO BRASILEIRO

Iasmim Leguissano dos Santos

Pelotas
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL/RS)
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO FISICULTURISMO FEMININO BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física ESEF/UFPEL (Área de concentração: Movimento Humano, Educação e Sociedade), como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Co-orientadora: Profa. Dra. Patrícia Lessa dos Santos

Pelotas
2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S237e SANTOS, IASMIM LEGUISSANO DOS

Um estudo sobre o processo de esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro / IASMIM LEGUISSANO DOS SANTOS ; Prof. Dr. LUIZ CARLOS RIGO, orientador ; Profa. Dra.PATRÍCIA LESSA DOS SANTOS, coorientador. — Pelotas, 2021.

54 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduaçãoem Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Fisiculturismo. 2. Doping. 3. Mulheres fisiculturistas. I. RIGO, PROF. DR. LUIZ CARLOS, orient. II. SANTOS, PROFA. DRA.PATRÍCIA LESSA DOS, coorient. III. Título.

CDD : 796

Elaborada por Daiane de Almeida Schramm CRB: 10/1881

Iasmim Leguissano dos Santos

UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO FISICULTURISMO FEMININO BRASILEIRO

Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola de Ensino Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 10/12/2021

Banca Examinadora:

.....

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (Orientador)

.....

Prof.(a) Dr.(a) Angelita Alice Jaeger (Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria.) – P.E.1

.....

Prof.(a) Dr.(a) Andrize Ramires Costa (PPGEF/UFPel)

.....

Prof.(a) Dr.(a) Priscila Lopes Cardozo (Suplente – (PPGEF/UFPel)

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final.

Sou grato à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida.

Deixo um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo, pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa.

Também quero agradecer à Universidade Federal de Pelotas e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001"

Apresentação

A presente dissertação de mestrado, requisito parcial para obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, foi estruturada de acordo com o modelo alternativo previsto no regimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

Na primeira seção do presente trabalho é apresentado o projeto de dissertação qualificado em 18 de dezembro de 2020. A versão apresentada neste volume, já incorpora as modificações sugeridas pela banca examinadora e orientador.

Na seção seguintes, é apresentado o artigo produzido, sendo um estudo sobre o processo de esportivização do fisiculturismo no Brasil caracteriza-se por controvérsias relativas aos corpos musculosos das atletas, ao máximo de hipertrofia que os corpos das mulheres podem/devem chegar e pelas denúncias de possível uso de substâncias químicas e doping no interior dessa prática esportiva. Logo, o fisiculturismo pode ser compreendido como uma modalidade esportiva cuja gênese deu-se em um contexto sociocultural em que, ainda, são hegemônicas as ideias e as crenças de que os corpos devem possuir estruturas musculares que correspondam a um ou a outro sexo e/ou gênero. Sendo assim o artigo intitulado “Um estudo sobre o processo de esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro” o qual se encontra formatado de acordo com as normas da Revista Movimento, e que após a defesa, de acordo com as sugestões da banca examinadora e orientador será submetido a este periódico.

SUMÁRIO

Projeto.....3
1 Introdução.....6
1.1 Apresentação do problema e justificativa.....6
1.2 Objetivos.....10
1.2.1 Objetivo Geral.....10
1.2.2 Objetivos específicos.....10
2 Considerações teóricas preliminares.....11
3 Metodologia.....17
3.1 Fontes orais e documentais.....17
3.2 Análise e problematizações do objeto pesquisado.....18
3.3 Procedimentos éticos da pesquisa.....18
4 Previsão de estruturação da dissertação.....22
5 Cronograma.....19
6 Referências.....20
ANEXOS.....23
Anexo 1 – Dados concedidos pela IFBB RS.....23
Anexo 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido.....24
ARTIGO.....26
Introdução.....27
Trajeto metodológico.....29
O processo de esportivização do fisiculturismo.....31
O *doping* e o fisiculturismo.....34
Mulheres fisiculturistas: corpo, poder e subjetividade.....38
Acerca da relação corpo x preconceito.....43
Considerações finais.....48
Referências.....50

PROJETO DE DISSERTAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL/RS)
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MULHERES MUSCULOSAS: PROBLEMATIZANDO A ESPORTIVIZAÇÃO DO FISICULTURISMO FEMININO BRASILEIRO

Pelotas

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL/RS)
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MULHERES MUSCULOSAS: PROBLEMATIZANDO A ESPORTIVIZAÇÃO DO FISICULTURISMO FEMININO BRASILEIRO

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física ESEF/UFPEL (Área de concentração: Movimento Humano, Educação e Sociedade), para fins de qualificação de Mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo.

Pelotas
2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 06
1.1 Apresentação do problema e justificativa..... 06
1.2 Objetivos..... 10
1.2.1 Objetivo geral..... 10
1.2.2 Objetivos específicos..... 10
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS PRELIMINARES..... 11
3 METODOLOGIA..... 17
3.1 Fontes orais e documentais..... 17
3.3 Análise e problematizações do objeto pesquisado..... 18
3.4 Procedimentos éticos da pesquisa..... 18
4 PREVISÃO DE ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO..... 22
5 CRONOGRAMA..... 19
6 REFERÊNCIAS..... 20
ANEXOS..... 23

1 Introdução

1.1 Apresentação do problema e justificativa

O *Bodybuilding*, também conhecido como culturismo ou fisiculturismo[1], é uma prática corporal que vem crescendo em número de praticantes, em número de federações existentes e no ano de 2019, pela primeira vez foi incluído, como convidado nos Jogos Pan-Americanos que ocorreram em Lima-Peru.

De acordo com Santos e Lessa (2020), o fisiculturismo caracteriza-se pelas competições, que também são conhecidas como *shows.* Nessas competições, os(as) atletas realizam poses e/ou coreografias, submetendo-se ao julgamento realizado por uma equipe de arbitragem. Atualmente, o fisiculturismo contempla as modalidades femininas e masculinas, dividindo-se em várias categorias.

A participação de mulheres no fisiculturismo foi uma conquista gradual. Algumas delas tiveram um papel pioneiro de destaque nesse processo, como foi o caso da atleta Lysa Lion[2], que se sagrou campeã no primeiro campeonato IFBB *Women's World Pro Bodybuilding Championship,* realizado em Los Angeles, no mês de junho de 1979 (JAEGER, 2009), e da atleta Rachel MacLish, que conquistou o primeiro título de *Miss Olympia*, no ano de1980.

Apesar de a história hegemônica do fisiculturismo destacar mais os feitos dos homens e tender para uma invisibilização da atleta fisiculturista mulher, casos, como o de Lysa Lion e Rachel MacLish, ilustram a importância que as mulheres tiveram na historiografia do fisiculturismo moderno competitivo.

Santos e Lessa (2017) destacam que as mulheres *strongwomen* [3] , provavelmente, tenham criado instrumentos, além de técnicas, que foram por elas desenvolvidas para as suas apresentações de força, caracterizando as primeiras aparições de mulheres nos esportes de força que, ligados à musculação, tiveram uma base comum relacionada às invenções dos equipamentos e das técnicas e métodos de treinamento. Passaram-se algumas décadas até que as primeiras

[1] Nesta pesquisa, utilizaremos o termo fisiculturismo por ser o mais comumente utilizado entre atletas.
[2] Lisa Lyon foi a primeira fisiculturista notória que inventou o tipo de combinação em que exibia seus músculos e movimentos rítmicos, caracterizando um modelo de apresentação próximo ao das competições para mulheres até hoje. (Enciclopédia do fisiculturismo).
[3] Termo empregado na década de 1970 para se referir às mulheres que possuíam seus corpos potencializados pela prática da musculação e de exercícios de força (MORGAN, 1970).

federações e confederações fossem criadas e organizadas as competições nas modalidades específicas.

Atualmente, apesar de o fisiculturismo estar consolidado em muitos países, é comum haver certa confusão ou uma não diferenciação entre o fisiculturismo e o halterofilismo. Em síntese, o fisiculturismo é um esporte que envolve tamanho, forma, proporção e qualidade estética do físico. Já o halterofilismo é um esporte "julgado pela quantidade de peso que um[/a] competidor[/a] pode manejar em qualquer tipo de levantamento" (SCHWARZENEGGER, 2001, p. 49).

Considerando a participação histórica das mulheres nos inventos e nas tecnologias da musculação competitiva, percebe-se que, também, não havia uma clara separação entre as modalidades: culturismo, *powermen/women*, *strongmen/women*, halterofilismo, dentre outras (JAEGER; GOELLNER, 2011; JAEGER, 2009; ESTEVÃO; BAGRICHEVSKY, 2002). Portanto, às mulheres, ainda que participassem dos eventos competitivos, não era explicitado em qual modalidade estavam categorizadas, o que contribuía para uma maior invisibilização de suas performances e, consequentemente, sua interdição como competidoras.

Entre as categorias, um dos pontos a ser observado é o número reduzido de mulheres que competem nas categorias *bodybuilder* em relação ao número de competidoras nas categorias *fitness*[4], nas quais o critério "beleza" também é pontuado.

O processo de esportivização (ELIAS; DUNNING, 1992) do fisiculturismo no Brasil tem se caracterizado por controvérsias relativas aos corpos musculosos das atletas, ao máximo de hipertrofia que os corpos das mulheres podem/devem chegar e por denúncias de possíveis usos de substâncias químicas e *doping* no interior dessa prática corporal.

Logo, o fisiculturismo pode ser compreendido como uma modalidade esportiva cuja gênese deu-se em um contexto sociocultural em que, ainda, são hegemônicas as ideias e as crenças de que os corpos devem possuir estruturas musculares que correspondam a um ou a outro sexo e/ou gênero.

Essas condições de possibilidades tendem a produzir discursos de interdição acerca dos corpos musculosos das mulheres fisiculturistas, discursos constituídos e

[4] Em um mesmo campeonato de fisiculturismo, as categorias femininas exigem padrões diferentes para a participação na competição. Algumas categorias exigem maior volume, definição muscular e, até mesmo, adereços. Tais diferenças serão esmiuçadas mais adiante.

constituidores de relações de poder. Nesse sentido, nas palavras de Foucault (1985):

> Nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos [...]. O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (FOUCAULT, 1985, p. 146).

Nas relações de poder existentes no campo esportivo, é comum vermos a constituição de discursos que tendem a generalizar o fisiculturismo competitivo como uma prática impregnada pelo uso de esteroides anabolizantes[5]. Isso propiciou uma certa estigmatização das mulheres atletas de fisiculturismo, inclusive no contexto acadêmico (COURTINE, 1995; ESTEVÃO; BAGRICHEVSKY, 2002; ESTEVÃO, 2005). Todavia, outros estudos se atentaram em tratar do tema "esportes de força" cuidando para não reforçar essas e outras estigmatizações instituídas (VASCONCELOS, 2005; VIGNE, 2005; OLIVEIRA, 2007).

Na literatura, poucas são as pesquisas acerca do tema mulher fisiculturista. Sabino (2002, 2004) destaca a produção do fisiculturismo no Rio de Janeiro, focalizando o consumo de esteroides anabolizantes. Jaeger (2009) apoia-se nos estudos culturais, feministas e de gênero, para analisar os discursos que são produzidos no campo do fisiculturismo acerca da produção dos corpos das mulheres atletas, atentando-se para as representações que são construídas sobre as arquiteturas corporais das fisiculturistas. Entre outras questões, Jaeger (2009) destaca, em seu estudo, como as atletas gerenciavam o seu cotidiano para marcar no seu corpo as exigências do esporte, produzindo feminilidades e a "Cosmetologização do corpo", sendo este um conjunto de investimentos que sugere uma tentativa de produzir uma hiperfeminilidade normalizada entre as atletas.

Já Estevão (2005) centrou seus estudos na relação fisiculturismo feminino e saúde, apontando as problemáticas que envolvem o processo de alta *performance*

[5] Um exemplo que serve de referência para a associação do fisiculturismo com esteroides anabolizantes é o estudo de Devide e Votre (2005). Nesse estudo, os autores apresentam uma discussão sobre o *doping* no esporte feminino, tendo como referência os Jogos Olímpicos de Munique de 1972. Essa Olimpíada é considerada um marco do uso de esteroides e anabolizantes, principalmente pelas denúncias de sua utilização por parte de atletas da antiga Alemanha Oriental, que impressionaram, sobretudo, por sua aparência exageradamente musculosa e demarcadamente "masculina".

de atletas desse esporte. Através de uma pesquisa etnográfica a autora analisou a narrativa de cinco mulheres, acompanhando rotina, treino e alimentação delas. Além das questões referentes aos padrões estéticos, que permeiam a prática do fisiculturismo, o estudo alerta para os limites fisiológicos do corpo e para o uso de anabolizantes por parte de muitas atletas fisiculturistas (ESTEVÂO, 2005).

Na educação física brasileira predominam estudos que tendem a enfatizar uma perspectiva centrada nos riscos dessa prática à saúde por meio do uso de anabolizantes, (SABINO, 2004; ESTEVAO, 2005; IRIART, CHAVES e ORLEANS ;2009, MACHADO E FRAGA; 2017).

Desse modo, percebemos que há carências de estudos que tratem do fisiculturismo em nossa área. Assim, pensar o processo de esportivização do fisiculturismo e o lugar da mulher nesse cenário é um caminho que nos ajudará a entender as nuanças que separam a musculação competitiva da musculação comercial[6]. Além disso, estudar o fisiculturismo feminino nos ajudará a compreender as relações de poder existentes no interior desse esporte, as maneiras como essas mulheres se produzem como fisiculturistas e as relações que elas estabelecem com seus corpos e com sua saúde.

No processo de esportivização do fisiculturismo no Brasil, assim como no esporte de um modo geral, notadamente, no de alto rendimento,

> A performance masculina é a norma através da qual realizam-se comparações e avaliações dos resultados femininos, e geram-se interpretações e rotulações como a definição das mulheres como esportistas de segunda classe, uma vez que nunca serão superiores aos homens (DEVIDE; VOTRE, 2005, p.125).

Diante dessa problemática, os corpos volumosos que as atletas constroem, seja pelo uso de substâncias químicas para potencializar a musculatura, seja pelos treinos exaustivos que põem em suspeição sua feminilidade, parece ser um tema propício a maiores investigações. Trata-se de olhar para uma modalidade esportiva

[6] Na musculação competitiva, há uma preconização da preparação de um arquétipo corporal para fins de competições que são regulamentadas e normatizadas pela IFBB, em que se faz necessário o uso de equipamentos diferenciados e rudimentares em espaços com uma atmosfera *hardcore*, ou seja, que inspira treinos exaustivos, diferentemente da musculação comercial, que é realizada em espaços cuja estética do ambiente traz elementos de socialização, músicas da moda, prevalecendo sobre a eficácia diante dos equipamentos voltados para o treino de força, ou seja, “um local de consumo de comportamentos”, que nem sempre representa um bom lugar para atletas de fisiculturismo (LESSA; SANTOS, 2020, p. 30).

– o fisiculturismo feminino – que, na hierarquia do esporte moderno, parece ter, ainda, reduzida visibilidade.

Nesse cenário, de controvérsia que cerca o fisiculturismo feminino brasileiro, visibilizar a escuta da fala dessas mulheres atletas representa uma estratégia possível para problematizar as subjetividades e as “relações de poder” (FOUCAULT: 1988; 1985), que atravessam e configuram o fisiculturismo feminino brasileiro. Isso representa uma possibilidade de romper com os estereótipos de gênero e discursos sexistas que, historicamente, se ancoraram em determinados discursos biológicos para tentar legitimar a exclusão das mulheres de determinadas práticas esportivas (GOLLENER, 2003, 2004; MOURÃO, 2000).

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Problematizar o processo de esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro.

1.2.2 Objetivos específicos

- Descrever a emergência do fisiculturismo feminino brasileiro como modalidade esportiva.
- Analisar como as relações de poder presentes no fisiculturismo competitivo brasileiro constituem as subjetividades das fisiculturistas federadas.

2 Considerações teóricas preliminares

Para pensar a historicidade do fisiculturismo, recorremos aos estudos de Rubio e Simões (1999), Schwarzenegger (2001), Estevão (2005), Santos e Lessa (2020), além dos documentos da Federação Internacional de Musculação e Fitness (IFBB). Para tratar das relações de poder e dos processos de subjetivação das mulheres atletas no fisiculturismo brasileiro, faremos uso de algumas contribuições de Michel Foucault (1985; 1988).

Ao fazer referência à história do fisiculturismo competitivo, os estudos de Rubio e Simões (1999) apresentam Eugen Sandow. Dentre os feitos desse atleta, podemos citar a criação da Liga Força & Saúde, além da organização da primeira competição de *bodybulding* na Inglaterra, em 1901. Ainda sobre Eugen Sandow, destaca-se a sua participação em revistas e livros sobre musculação, a aparição em filmes e a publicização de fotos, posteriormente usadas em cartões postais. Seus feitos e conquistas conectaram-se às invenções tecnológicas e métodos de treinamento para potencialização da hipertrofia muscular, cuja memória vive com a estatueta Sandow, troféu do campeonato *Mr Olympia*[7].

A partir de 1930, começou a se estabelecer uma maior distinção entre levantar pesos, puramente pela força, e treinar com pesos para dar forma e proporção muscular ao corpo. Em 1950, Steve Reeves, após conquistar os títulos de Mr. América e o Mr. Universo, tornou-se uma estrela de cinema internacional, com atuação nos filmes *Hércules*, *Morgan*, *Pirata* e *O Ladrão de Bagdad* (SCHWARZENEGGER, 2001). Esse foi um dos momentos cruciais do fisiculturismo, quando os corpos de fisiculturistas conquistaram o cinema, apresentando um novo modelo de corpo e um importante marco no surgimento do ideal de beleza.

Esse panorama foi crescendo e os corpos musculosos começaram a aparecer em anúncios de jornais, revistas e televisão (SCHWARZENEGGER, 2001). Como consequência, novas atrizes e atores, modelos fotográficos e de passarela também passaram a frequentar academias/ginásios para estar em forma, com o objetivo de impressionar o público e conquistar o corpo atlético (símbolo de prestígio social), manifestando uma nova ética da competição e do mérito, bem como um ideal estético (SCHWARZENEGGER, 2001; COURBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2008).

[7] *Mr Olympia* é uma competição internacional de fisiculturismo criada por Joe Weider. Sua primeira edição remonta a 18 de setembro de 1965, em Nova Iorque.

No final do século XIX e início do século XX, inúmeras mulheres também adquiriam notoriedade e reconhecimento público ao se apresentarem como "profissionais da força" ou *strongwomen,* sendo elas: Athelda, Minerva, *Athleta*, Gertrudes Leandros, Madame Montagna, Vulcana, Lilian Leitze, Loiuse Armando, Mademoiselle Aini, Miss Herta, Madame Stark, Elvira Sansoni, entre outras. Elas tornaram-se figuras populares, aparecendo, também, nos jornais e revistas que circulavam nessa época (CHAPMAN; VERTINSKY, 2010).

Os espetáculos dessas mulheres percorriam a Europa e os Estados Unidos e se caracterizavam, fundamentalmente, por demonstrações de força física, em que elas elaboravam diferentes formas de exibir seus corpos como uma arte, obtendo apreciação e respeito[8]. Kattie ou Katie Brumbach adquiriu grande popularidade nos primeiros anos do século XX, quando ficou conhecida como Sandwina ou a *Iron-Queen* Sandwina, em um pequeno clube na cidade de Nova York, venceu Eugene Sandow em um desafio de força. O nome Sandwina, o duplo feminino de Sandow, foi inventado nesse dia.

Eugene Sandow era uma figura popular desde o final do século XIX e a imagem de seu corpo, moldado pela exercitação, era divulgada, também, pelo uso da fotografia e dos filmes[9], na Europa e na América. A imagem de Sandow figurou em milhões de cartões de visitas e de selos, entretanto, não podemos dizer o mesmo de Sandwina, que permaneceu por um longo tempo invisibilizada da historiografia, a mesmo tendo superado Eugen Sandow nesse desafio de força.

Ao perceber o silêncio sobre as *strongwomans* como, por exemplo, a existência velada de Sandwina, considerada a mulher mais forte do mundo de 1910[10], temos indícios reveladores dos discursos que sustentam os procedimentos disciplinadores daquele tempo. Corpos, como o de Sandwina, eram considerados desviantes do que se queria naturalizar como inerente ao feminino. Portanto, não poderiam ser mencionados nem tornados visíveis, inclusive porque desestabilizavam

[8] A norte americana Minerva, por exemplo, entrou para o *Guiness Book*, em 1985, ao levantar do solo uma plataforma de madeira onde subiram 23 homens, totalizando 1650 quilos (TOOD, 1990,p.15).
[9] Para conhecer um dos filmes (Maio, de 1894), de Eugene Sandow, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=7zt0E6Yh7zA.

[10] Em outubro de 1910, Sandwina media 1 metro e 82 centímetros de estatura, pesava cerca de 98kg e tinha um bíceps de aproximadamente 44 cm. O jornal alemão *Woven Man Spricht* publicou, em dezembro de 1910, uma entrevista com ela conferindo-lhe o título "*The Iron-Queen, the word's most poweful woman*".

as imagens construídas para estabilizar e assegurar um jeito feminino de ser e de se comportar daquele tempo (GOELLNER, FRAGA, 2004).

Ao longo da história, as competições aconteceram e foram possíveis a partir de federações e instituições que promoviam os eventos para a apresentação das(os) atletas e promoviam alianças internacionais. Atualmente, o órgão que governa o esporte de musculação e *fitness* é a Federação Internacional de Musculação e *Fitness*(IFBB) [11] , fundada em 1946, em Montreal/Canadá. Consta no *site* da federação que, desde sua fundação, a IFBB vem crescendo e, em 2020, está presente em mais de 199 países.

Até o ano de 2017, a IFBB era filiada à *National Physique Committee* (NPC), nos Estados Unidos da América, que promove eventos de fisiculturismo no mundo, tais como o *Mr. Olímpia*. Entretanto nesse ano, em nota oficial de esclarecimento, publicada na rede social oficial da IFBB Brasil[12], o então presidente da federação no Brasil e membro da comissão executiva da IFBB Internacional, Mauricio Arruda, expôs a suspensão da NPC e de seu presidente. Arruda ressaltou que a IFBB Internacional e a *Pro League* já eram entidades diferentes desde 2006 e a especulação sobre a separação entre tais entidades era verdadeira. Desde 2006, com as mudanças e formalizações na federação, Arruda prometeu mudanças positivas para o cenário do fisiculturismo brasileiro em termos de estrutura e oportunidades para atletas e envolvidos(as).

A IFBB organiza campeonatos de níveis mundiais, continentais, regionais e nacionais para homens e mulheres e, ao longo dos anos, criou categorias masculinas e femininas, sendo elas: Categorias masculinas - Muscular *Men'sPhysique*; Fisiculturismo ou *Bodybuilding*; Fisiculturismo Clássico; *Men's Classic Bodybuilding*; *Men's Fitness*; *Games Classic*; *Men'sPhysique; Classic Physique; Men's Wheelchair bodybuilding*. Categorias femininas - *Fitness* Coreográfico ou *Woman's Fitness; Bodyfitness; Bikini Fitness; Woman's Physique; Welness Fitness*. Categorias infantis, contemplando meninos e meninas - *Children Fitness*. Uma característica interessante dessas competições se dá pela possibilidade de adaptabilidade a lugares e ambientes, sendo encontrados registros de eventos em praias, centros esportivos e auditórios, com inúmeros (as) expectadores (as).

[11] https://ifbbbrasil.com.br/
[12] https://www.instagram.com/ifbbbrasiloficial/?hl=pt-br

Nos últimos anos, acompanhamos um movimento de inserção do fisiculturismo nos megaeventos esportivos internacionais, como foi o caso, por exemplo, dos Jogos Pan Americanos de Lima, realizados no período de 26 de julho a 11 de agosto de 2019, em que o fisiculturismo, surfe e *taekwondo poomse* foram incluídos na categoria de esportes "inusitados", conforme afirma Costa (2018), em notícia publicada no *site* do Globo Esporte[13]. Apesar dessa participação nos Jogos Pan Americanos de 2019, o fisiculturismo não esteve presente nas Olimpíadas de 2021 no Japão. Uma das resistências a essa inclusão está relacionada às controvérsias ligadas à presença constante do *doping* junto aos (às) atletas fisiculturistas.

Independente do processo de inclusão ou exclusão dos Megaeventos Esportivos, jogos Pan Americanos e/ou as Olimpíadas, o fisiculturismo é uma prática esportiva emergente que, a cada dia, encontra novos adeptos, independente do sexo ou gênero. Sabino e Luz (2014), que pesquisaram o ambiente das academias de musculação do Rio de Janeiro, afirmam que, em alguns espaços, o número de mulheres praticando lutas, *fitness* e *bodybuilding* supera o dos homens[14].

O fisiculturismo é uma prática que produz uma modificação corporal, por meio de uma intensa hipertrofia muscular, obtida por meio de treinos intensos e uma rígida dieta alimentar. Assim, muitos (as) adeptos (as) do fisiculturismo se distanciam com frequência dos modelos corporais socialmente aceitos e de determinados hábitos e códigos de condutas prescritos como saudáveis.

Logo, o convite desse estudo é no sentido de adentrar em reflexões e problematizações acerca dos estranhamentos e rupturas constituintes e constituidoras do fisiculturismo de mulheres. Nesse sentido, Gumbrecht (2007), nos ajuda a problematizar sobre como nos relacionamos com a "beleza atlética". Gumbrecht (2007) relaciona a transformação corporal dos jovens da Grécia antiga, como a inspiração estética que acompanha os jovens fisiculturistas do século XX. Para esses jovens, a meta é o "crescimento infindável de cada músculo" (GUMBRECHT, 2007, p. 111).

---

[13] Matéria intitulada *Fisiculturismo, stand-up surfe, longboard e poomsae: as novidades do Pan 2019*, publicada por Guilherme Costa, em 09/01/2018. A reportagem ainda destaca que a inclusão do fisiculturismo foi definida durante reunião da Organização Desportiva Pan Americana (ODEPA,) em Doha, no Catar (2016).

[14] Outras pesquisas sobre academia de ginástica e musculação podem ser encontradas, por exemplo, em Sabino (2000, 2004), Sabino e Luz (2014), Sabino, Luz e Carvalho (2010).

As atletas fisiculturistas que optam por potencializar seus músculos, questionando os padrões de corpos e de feminilidade vigentes, tendem a ser enquadradas como mulheres de feminilidade desviante, Jaeger (2011). Todavia, o tempo, provavelmente, fará emergir outras possibilidades de feminilidades (LOURO, 2003). Assim, questionamo-nos sobre quais os processos que estão em jogo, quando elas se desviam das feminilidades normalizadas e buscam outras subjetividades.

No Brasil, atualmente, a IFBB está presente em 18 estados e é dirigida por Diana Monteiro (atleta profissional de *fitness* e *personal trainer*) e, sua vice-diretora, Margarete Rodrigues. Em 2019, ano em que o fisiculturismo estreou nos Jogos Pan Americanos, verificamos que os dados das atletas filiadas pela IFBB do Rio Grande do Sul, eram: três atletas na categoria *Woman's Physique*, 12 atletas na categoria *Bodyfitness*, 13 atletas na categoria *Bikini Fitness*, 49 atletas na categoria *Wellness Fitness* e nenhuma atleta na categoria *Fitness* Coreográfico[15].

Ao longo do tempo, muitas mulheres fisiculturistas foram invisibilizadas e, ainda hoje, o fisiculturismo continua caracterizando-se como uma prática majoritariamente masculina[16]. Entretanto, essa predominância de homens nas práticas esportivas não é uma exclusividade do fisiculturismo, pois:

> Inicialmente a mulher era segregada da atividade físico-desportiva; a sociedade brasileira a representava como um tipo frágil, incapaz, inapto para esforços, um corpo que deveria ser preservado apenas para a função de reprodução. Uma das preocupações da época estava centrada no pressuposto de que a mulher não deveria gastar energia com outras atividades, reservando-a exatamente para a função da reprodução. Isto ocorria num tempo em que não era indicada a prática da atividade físico desportiva para a mulher, e na maioria das vezes nem lhe era permitido realizar tais atividades fora do domínio privado (MOURÃO, 2000, p. 15).[17]

Jaeger (2009), em sua tese de doutorado, "Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo"

[15] Dados fornecidos pela IFBB RS, por meio de MR, presidente da Federação de *Bodybuilding* e Fitness do Rio Grande do Sul e vice-diretora da IFBB Brasil, vide anexo.
[16] Enciclopédia do Fisiculturismo e Musculação (SCHWARZENEGGER, 2001).

[17] Outras considerações sobre a mulher no esporte e na Educação Física Brasileira podem ser encontradas em Mourão (2000) e Goellner (2003).

[18] analisa as representações constituídas e constituintes dos corpos das atletas fisiculturistas. Jaeger (2009) destacou o modo como as atletas gerenciavam o seu cotidiano para marcar no seu corpo as exigências do esporte. O estudo de Jaeger (2009) trata dos discursos que constituem e são constituídos no fisiculturismo; das representações que são produzidas e produzem a construção das arquiteturas corporais das mulheres fisiculturistas; e das feminilidades singularidades dessas fisiculturistas. A autora assinala que o fisiculturismo de mulheres representa um lócus de produção de corpos desviantes que não se enquadram nas referências de feminilidade hegemônica.

Outra contribuição para a temática do fisiculturismo de mulheres, presente na literatura brasileira, são os estudos de Estevão (2002, 2005). A autora prioriza a análise e discussão da relação do fisiculturismo com a saúde e os modos como essa prática incorre ou não em riscos para os(as) atletas. Em seu texto *Cultura da Corpolatria e Body-Building: Notas de reflexão*, Estevão (2005) problematiza o culto ao corpo e os modos de subjetivação que perpassam o fisiculturismo.

Em outro estudo, intitulado *Prática do fisiculturismo: significados,* Estevão (2005) utiliza-se da etnografia para problematizar os sentidos e os significados do fisiculturismo, para um grupo específico de atletas fisiculturistas. Sobre os estudos de Estevão, vale enfatizar que esses estão mais centrados em uma perspectiva que envolve denúncia sobre a presença de anabolizantes e esteroides, consumo de drogas ilícitas e desenvolvimento de distúrbios psicológicos entre as mulheres fisiculturistas.

[18] A pesquisa foi feita a partir de fontes de naturezas distintas como: livros; revistas; *sites* das entidades representativas do fisiculturismo; *site* do fisiculturismo internacional e brasileiro; *homepages* das atletas e comunidades virtuais; entrevista e observação de campeonatos.

3 Metodologia:

3.1: Tipo de pesquisa; fontes orais e fontes documentais

Diante dos distintos modos de olhar para os corpos produzidos no fisiculturismo competitivo, o presente estudo se dará no campo das pesquisas qualitativas. Esse tipo de pesquisa possibilita explorar e entender “o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 43).

A logística da pesquisa envolve fontes empíricas de duas naturezas, sendo elas: fontes documentais e fontes orais, que possuem um caráter de complementaridade entre si e serão coletadas de forma concomitante. Tais fontes serão utilizadas, principalmente, para construirmos um mapeamento mínimo sobre o atual estado do fisiculturismo competitivo feminino brasileiro. Investigaremos informações referentes à esportivização do fisiculturismo brasileiro junto aos sites oficiais das federações de fisiculturismo; em relatórios e registros de competições de fisiculturismos; e nos materiais (apostilas e polígrafos) relacionados à arbitragem do fisiculturismo.

As fontes orais (MONTENEGRO; 2010: PORTELLI, 2010), serão constituídas basicamente de “entrevista compreensiva”, pois ela “pressupõe um saber-fazer mais pessoal do que estandardizado” (FERREIRA, 2014. p. 97). Além disso, esse tipo de entrevista valoriza a associação com outras fontes, como é o caso, por exemplo, do diário de campo, fontes documentais, entre outras. Quanto ao número de entrevistadas, pretende-se entrevistar de cinco a oito atletas ou ex-atletas brasileiras de fisiculturismo, filiadas à IFBB Brasil, e uma dirigente da Federação Brasileira de Fisiculturismo.

A seleção das entrevistadas será intencional e serão levadas em consideração critérios, como: atletas filiadas à Federação de Fisiculturismo e Fitness Brasil e tempo de participação em competições nacionais e/ou internacionais. A rede de fisiculturistas entrevistadas abarcará diferentes categorias do fisiculturismo feminino (ao menos uma de cada categoria).

A entrevista com a dirigente da Federação Brasileira será com a vice-diretora da IFBB Brasil, Margarete Rodrigues. A escolha por essa diretora deu-se, principalmente, por termos uma aproximação com ela que já está nos fornecendo dados e informações para a pesquisa. A entrevista com a diretora da IFBB tem como objetivo principal encaminhar a possibilidade de pesquisar informações, que, associadas às fontes documentais, nos oportunizará traçar um breve panorama sobre o estado da esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro.

Por meio dos suportes das fontes orais e documentais, analisaremos as "relações de poder" (FOUCAULT: 1985;1988), constituintes do campo do fisiculturismo feminino brasileiro, bem como os efeitos que essa prática esportiva produz nas atletas, ou seja, como o campo do fisiculturismo se constitui e quais são os modos de subjetivação que produzem mulheres fisiculturistas no século XXI.

A pesquisa também estará atenta para analisar as condições de possibilidade e de aceitabilidade dos saberes acerca do fisiculturismo, ou seja, quais discursos são mais ou menos aceitos no campo do fisiculturismo esportivizado de mulheres. Desse modo, o artigo final da dissertação, deverá problematizar questões relacionadas ao doping, a produção de subjetividades e as relações de poder constituintes do fisiculturismo feminino brasileiro.

3.3 Procedimentos éticos da pesquisa

As entrevistas serão realizadas individualmente e pré-agendadas, desde que não comprometam a rotina de trabalho das entrevistadas, bem como da pesquisadora. Os sujeitos participantes da pesquisa deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[19] e digitalizá-lo, enviando-o, por e-mail, para a pesquisadora. Em decorrência da pandemia da COVID-19, as entrevistas serão *on-line*, por meio da plataforma *ZOOM* [20] . Essas serão gravadas e endereçadas a cada entrevistada após a transcrição. A entrevistada poderá escolher

[19] Anexo 4.

[20] O *Zoom Meetings* é uma plataforma robusta de videoconferências, que possui diversas funcionalidades voltadas para ambientes corporativos, suportando reuniões com até 500 participantes e 10 mil expectadores no modo *webinar*. Muito utilizada no meio empresarial, destaca-se pela estabilidade da conexão em qualquer dispositivo.

se seu nome será divulgado no estudo ou se deverá ser colocado um nome fictício para seus depoimentos, preservando sua identidade.

Antes de realizar a assinatura e receber o aceite dos indivíduos que irão participar da pesquisa, será realizada a leitura do TCLE. Esse deverá ser rubricado na primeira folha pelo sujeito da pesquisa e assinado na segunda, em duas vias, assim, garantindo a participação. Entretanto, em razão da pandemia em que nos encontramos, serão aceitas assinatura digital e formalização via *e-mail*. Desse modo, uma via será entregue à participante, e a outra via digitalizada será armazenada na secretaria do Programa de Pós-graduação em Educação Física - PPGEF/UFPel, a qual, após o período de cinco anos, será descartada pela pesquisadora de forma apropriada.

Tendo como referência a experiência da pesquisadora (como competidora amadora nos anos de 2017 e 2018 e, atualmente, como membro da comissão de arbitragem, da federação no estado do RS), avaliamos que será viável o acesso às possíveis entrevistadas anteriormente assinaladas nesse projeto.

5 Cronograma

Etapas	**2019/2**	**2020/1**	**2020/2**	**2021/1**	**2021/2**
Escrita do projeto	X	X	X		
Levantamento Bibliográfico	X	X	X	X	
Envio ao Comitê de Ética			X		
Qualificação			X		
Entrevistas				X	
Pesquisa documental		X	X	X	
Pesquisa em sites das federações		X	X		
Apresentação em evento científico			X	X	
Análise dos dados				X	X
Redação da versão final					X
Produção do relatório final					X
Defesa da dissertação					X

Fonte: Autoria Própria

6 Referências

COSTA, G. Fisiculturismo, stand-up surfe, *longboard* e *poomsa*e: as novidades do Pan 2019. ***Site*** **do Globo Esporte,** 2018. Disponível em https://globoesporte.globo.com/blogs/brasil-em-toquio/post/2018/01/09/fisioculturismo-stand-up-surfe-longboard-e-poomsae-as-novidades-do-pan-2019.ghtml. Acesso em 21 jun. 2019.

COURTINE, J, J. Os *Stakhanovistas* do Narcisismo: *body-building* e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: Sant' Anna,D. B. de (Org). **Políticas do Corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, p. 81-114, 1995.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DEVIDE, F P; VOTRE, S J. *Doping* e mulheres nos esportes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 1, p. 123-138, 2005. Disponível em http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/138. Acesso em 08 dez. 2020.

ELIAS, N. DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel Difusão Editora, 1992.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Antítese ou reinvenção da feminilidade? As mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da "malhação". **Motrivivência**, n. 19, 2002. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/955. Acesso em 08 dez. 2020.

ESTEVÃO, A; BAGRICHEVSKY, M. Cultura da "corpolatria" *e body-building*: notas para reflexão. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 3, n. 3, 2005. Disponível em https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-3-3-2004/art1_edfis3n3.pdf. Acesso em 08 dez. 2020.

ESTEVÃO, A. Prática do fisiculturismo: significados. **Motrivivência**, a. XVII, n.24, p. 41-57, jun. 2005. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/727. Acesso em 08 dez. 2020.

ESTEVÃO, A. **A política no corpo:** mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos. São Paulo: PUC, 2005. 280f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. Disponível em https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3526. Acesso em 09 dez. 2020.

FERREIRA, V. S. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e sociedade**, v.23, n.3, 2014, p.979-992. Disponível emhttp://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300979&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08Dez. 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graall, 1988.

GOELLNER, S. V. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas: Autores Associados: CBCE, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004. Disponível em http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/227. Acesso em 08 dez. 2020.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. Editora: Companhia das letras, v.1, 2007.

IRIART J, CHAVES J. C, ORLEANS R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Caderno de Saúde Pública,** V.25, N.3, 2009. Disponível em https://www.scielosp.org/article/csp/2009.v25n4/773-782/pt/. Acesso em 05 dez. 2020.

JAEGER, A. A; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 3, p. 955-976, 2011. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000300016. Acesso em 08 dez. 2020.

JAEGER, A. A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo.** Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2009. Disponível em https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15749?show=full. Acesso em 08 dez. 2020.

LESSA, P. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**. Florianópolis: editora UFSC, a. XVII, n. 24, p. 157-172, jun. 2005. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/862. Acesso em 08 dez. 2020.

MOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE, S. J. (Org). **A Representação social da mulher na Educação Física e no Esporte**, Rio de Janeiro: EDUGF, v. 190, 1996.

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: Goldenberg M, org**. Nu & vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-88.

SANTOS, I.; LESSA, P. **Mestre Puma e Larissa Cunha:** Na história da musculação competitiva. Editora Appris, v.1, 2020.

SANTOS, I; LESSA, P. As *Strongwomen* da Belle Époquee a quebra do mito da fragilidade inata. **Koan:** revista de educação e complexidade. n. 5, jul. 2017.

Disponível em. Acesso em 08 dez. 2020. Disponível em http://www.crc.uem.br/departamento-de-pedagogia-dpd/koan-revista-de-educacao-e-complexidade/edicao-n-5-dez-2017/edicao-n-5-dez-2017/as-strongwomen-da-belle-epoque-e-a-quebra-do-mito-da-fragilidade-inata. Acesso em 08. Dez. 2020.

SCHWARZENEGGER, A. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Artmed Editora, 2001.

VASCONCELOS, R. V. **As representações sociais do corpo por mulheres praticantes de atividade física**: que estética é essa? Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em http://cev.org.br/biblioteca/as-representacoes-sociais-corpo-por-mulheres-praticantes-atividade-fisica-que-estetica-essa/. Acesso em 08 dez. 2020.

VIGNE, J. A. P. **Beleza feminina:** da academia para o trabalho: o padrão atual das mulheres da rocinha. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

ANEXOS

Anexo 1 – Dados concedidos pela IFBB RS

FEDERAÇÃO DE BODYBUILDING E FITNESS
DO RIO GRANDE DO SUL - IFBB RS
CNPJ: 30.777.836/0001-68

Atletas femininas filiadas em 2019 na IFBB (Federação de Bodybuilding e Fitness) do RS:

Categoria	Quantidade
Women's Physique	3
Body Fitness	12
Bikine Fitness	13
Wellness	49
Fitness Coreográfico	0

Fonte: Federação de Bodybuilding e Fitness do Rio Grande do Sul

(Dados fornecidos pela presidente da Federação de Bodybuilding e Fitness do Rio Grande do Sul – IFBB RS)

Porto Alegre, 07 de dezembro de 2020.

Margarete Pinto Rodrigues

Margarete Rodrigues
Profissional de Educação Física
Presidente da Federação de Bodybuilding e Fitness do Rio Grande do Sul – IFBB RS

www.ifbbrs.com.br secretaria@ifbbrs.com.br

Anexo 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido

Pesquisador responsável: Dr. Luiz Carlos Rigo.
Instituição: Universidade Federal de Pelotas.
Endereço: R. Luís de Camões, 625 - Três Vendas, Pelotas - RS, CEP 96055-630.
Telefone: (53) 98156-0484 / (53) 3273-2752.

Concordo em participar do estudo *"Mulheres Musculosas: Problematizando a esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro*". Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será "Problematizar o processo de esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro", cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Informaram-me que será enviado um e-mail com o link de acesso para entrevista via plataforma *zoom*. Estou ciente de que a minha participação envolverá a realização das entrevistas respondendo aos questionamentos apresentados.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Com relação aos riscos fui informado que os riscos são mínimos porque a tarefa a ser realizada no estudo é simples e não compromete a saúde do participante, entretanto, se sentir algum desconforto, constrangimento ou mal estar, a entrevista poderá ser interrompida em qualquer momento sem prejuízo ao participante.

BENEFÍCIOS: A pesquisa visa contribuir com o processo de esportivização do fisiculturismo feminino Brasileiro e, sendo assim, visibilizar o lugar ocupado por estas mulheres no cenário esportivo. As próprias entrevistadas poderão se beneficiar uma vez em que estarão contribuindo com a produção literária sobre o Fisiculturismo praticado por mulheres.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação.

Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal:_____
Identidade:_____

ASSINATURA:_____ DATA: ____ / ____ /_____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone:(53)3273-2752.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

_____

ARTIGO

UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO FISICULTURISMO FEMININO BRASILEIRO

Resumo

O fisiculturismo constitui-se de várias categorias masculinas e femininas, em que os(as) atletas de realizam poses e/ou coreografias, que são avaliadas por uma equipe de arbitragem. Nesse sentido, a pesquisa empreendida realizou uma investigação sobre o processo de esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro. A metodologia utilizada inspirou-se na História Oral. O corpus empírico da pesquisa constitui-se de sete “entrevistas compreensivas”, seis com atletas brasileiras fisiculturistas, filiadas à IFBB Brasil, e uma com uma dirigente da Federação Brasileira de Fisiculturismo. Além de traçar um panorama do processo de esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro, o estudo problematiza a presença do doping e alguns efeitos produzidos pelo fisiculturismo como um modo de subjetivação das atletas fisiculturistas. Concluiu-se que para as fisiculturistas a autoestima, o empoderamento e outras positividades oriundas da prática do fisiculturismo sobrepõem-se aos preconceitos sociais que elas ainda enfrentam.

Palavras-chave: Fisiculturismo. *Doping*. Mulheres fisiculturistas.

Abstract

Bodybuilding consists of several male and female categories, in which athletes perform poses and/or choreographies, which are evaluated by a referee team. In this sense, the research undertaken carried out an investigation into the sporting process of Brazilian female bodybuilding. The methodology used was inspired by Oral History. The empirical research corpus consists of seven “comprehensive interviews”, six with Brazilian bodybuilding athletes, affiliated to the IFBB Brasil, and one with an official from the Brazilian Bodybuilding Federation. In addition to drawing an overview of the sporting process of Brazilian female bodybuilding, the study discusses the presence of doping and some effects produced by bodybuilding as a way of subjectivation of bodybuilding athletes. It was concluded that, for bodybuilders, self-esteem, empowerment and other positive aspects arising from the practice of bodybuilding overcome the social prejudices they still face.

KEYWORDS: Bodybuilding. *Doping*. Women *bodybuilders*.

1. Introdução

O *Bodybuilding*, também conhecido como culturismo ou fisiculturismo[21] é uma prática que no século XXI vem conquistando novos adeptos e, nos últimos anos, tem sido inserido em megaeventos esportivos, como foi o caso, por exemplo, dos Jogos Pan Americanos de Lima, (26 de julho a 11 de agosto de 2019), em que junto como, surfe e *taekwondo poomse,* foi incluído na categoria de esportes "inusitados", Costa (2018)[22].

De acordo com Santos e Lessa (2020), o fisiculturismo caracteriza-se pelas competições, conhecidas como *shows.* Nessas competições, os(as) atletas realizam poses e/ou coreografias, submetendo-se ao julgamento realizado por uma equipe de arbitragem. Cada competição irá depender da federação que organiza o evento, ou seja, as regras, o número de pessoas na mesa de arbitragem e os demais elementos da disputa serão definidos pela equipe organizadora em consonância com as determinações da instituição desportiva.

A primeira competição de fisiculturismo registrada oficialmente ocorreu em 1901, em Londres, Inglaterra. Em 1948, aconteceu a primeira competição internacional organizada por uma entidade desportiva. A *National Amateus Body-Builder's Association* (NABBA), da Inglaterra, criou o Mister Universe, cujo pioneiro foi John Grimek, seguido de outros nomes conhecidos, tais como Steve Reeves, Reg Park, Bill Pearl e Arnold Schwarzenegger. Inicialmente, eram competições exclusivamente para homens (SANTOS; LESSA, 2020).

Atualmente, o fisiculturismo contempla as modalidades femininas e masculinas, dividindo-se em várias categorias. A participação de mulheres no fisiculturismo foi uma conquista gradual. Algumas tiveram um papel pioneiro de destaque nesse processo, como foi o caso da atleta Lysa Lion[23], que se sagrou campeã do primeiro campeonato IFBB *Women's World Pro Body Building*

[21] Nesta pesquisa, utilizaremos o termo fisiculturismo por ser o mais comumente usados entre atletas.
[22] Matéria intitulada *Fisiculturismo, stand-up surfe, longboard e poomsae: as novidades do Pan 2019*, publicada por Guilherme Costa, em 09/01/2018. A reportagem ainda destaca que a inclusão do fisiculturismo foi definida durante reunião da Organização Desportiva Pan Americana (ODEPA,) em Doha, no Catar (2016).
[23] Lisa Lyon foi a primeira fisiculturista com notoriedade, nos Estados Unidos, que inventou o tipo de combinação onde exibia seus músculos e movimentos rítmicos, caracterizando um modelo de apresentação próximo ao das competições femininas atuais (SCHWARZENEGGER, 2001).

Championship, realizado em Los Angeles, no mês de junho de 1979 (JAEGER, 2009).

Apesar de a história hegemônica do fisiculturismo tender para uma certa invisibilização das mulheres atletas fisiculturistas, casos como, por exemplo, o de Lysa Lion e de Elisabeth Lamb (primeiro lugar em uma competição em 1966, durante o Mister Universe[24]) ilustram a participação das mulheres na historiografia do fisiculturismo moderno competitivo.

No Brasil, especificamente, em 1915, o atleta português Pedro Diaz difundiu a escola francesa de levantamento de peso e, logo, foi criado o clube de levantamento de peso Real Sociedade Clube Ginástico Português. Dois anos depois, em 1917, o português Enéas Campello chegou ao Brasil e fundou sua academia no Rio de Janeiro. Já a primeira federação foi fundada por Iberê Bernardes, em 1936. Nesse ano, promoveu um campeonato de levantamento de peso. No mesmo período, foram estabelecidos exercícios de levantamento de peso no Fluminense Futebol Clube, Botafogo CF e Clube Regatas do Flamengo (SANTOS; LESSA, 2017).

O processo de esportivização[25] do fisiculturismo no Brasil caracteriza-se por controvérsias relativas aos corpos musculosos das atletas, ao máximo de hipertrofia que os corpos das mulheres podem/devem chegar e pelas denúncias de possível uso de substâncias químicas e *doping* no interior dessa prática esportiva. Logo, o fisiculturismo pode ser compreendido como uma modalidade esportiva cuja gênese deu-se em um contexto sociocultural em que, ainda, são hegemônicas as ideias e as crenças de que os corpos devem possuir estruturas musculares que correspondam a um ou a outro sexo e/ou gênero.

Na literatura, poucas são as pesquisas acerca do tema “mulher fisiculturista”. A maior parte desses estudos problematiza o consumo de esteroides anabolizantes, as representações construídas sobre as arquiteturas corporais das fisiculturistas e, em alguns casos, o processo de subjetivação das mulheres fisiculturistas (SABINO,

[24] Para conhecimento a respeito da história da competição internacional organizada pela NABBA, intitulada *Universe Championships,* ver o *Hall da Famma* na página: http://www.nabba-international.org/universe_legends.htm.

[25] A ideia de processo de esportivização do fisiculturismo, está inspirada nos estudos de Nobert Elias sobre a constituição dos Esporte Modernos. Elias mostra como desde o século XIX, algumas práticas passaram por um processo de regramento e reconfigurações até no século XX se constituírem em modalidades esportivas distintas, formando assim o leque de práticas esportivas que o autor denomina de Esporte Moderno (ELIAS, 1992). No caso do fisiculturismo, trata-se de uma prática, que emerge, posteriormente, no século XX, mas, nota-se que logo o fisiculturismo irá constituir-se incorporando características típicas do esporte moderno, como é o caso, por exemplo, da sua organização em formato de federações nacionais e internacionais e de acontecer em formatos de competições, ou eventos, regionais, nacionais e internacionais, similar aos demais eventos esportivos.

2002; 2004; LESSA, 2005; ESTEVÃO, 2005; IRIART, CHAVES E ORLEANS, 2009; JAEGER, 2009, MACHADO E FRAGA, 2017; SANTOS, LESSA, 2017).

Os corpos volumosos que as fisiculturistas constroem é uma temática que demanda maior investigação acadêmica[26]. Trata-se de olhar para uma modalidade esportiva – o fisiculturismo feminino – que, na hierarquia do esporte moderno, parece ter, ainda, reduzida visibilidade. Assim, ouvir as fisiculturistas atletas nos propiciou problematizar as relações de poder que, historicamente, excluíram as mulheres de determinadas práticas esportivas (GOLLENER, 2003, 2004; MOURÃO, 2000) e que continuam presentes no fisiculturismo feminino brasileiro esportivizado.

Para pensar a historicidade do fisiculturismo, recorremos aos estudos de Rubio e Simões (1999), Schwarzenegger (2001), Lessa (2005), Estevão (2005), Santos e Lessa (2017; 2020) e da Federação Internacional de Musculação e Fitness (IFBB).

A pesquisa empreendida trata, mais especificamente, do processo de emergência e constituição do fisiculturismo feminino brasileiro; de como as fisiculturistas concebem o *doping* no fisiculturismo; e do fisiculturismo como um modo de subjetivação das fisiculturistas.

2. Trajeto metodológico

Diante dos distintos modos de olhar para os corpos produzidos no fisiculturismo competitivo, o presente estudo se dará no campo das pesquisas qualitativas. Esse tipo de pesquisa possibilita explorar e entender “o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 43).

A logística da pesquisa envolveu fontes documentais e fontes orais. As fontes documentais foram utilizadas para mapearmos o atual estado do fisiculturismo competitivo feminino Brasileiro, tendo sido buscadas nos principais

[26] Na musculação competitiva, há uma preconização da preparação de um arquétipo corporal para fins de competições que são regulamentadas e normatizadas pela IFBB, em que se faz necessário o uso de equipamentos diferenciados e rudimentares em espaços com uma atmosfera *hardcore*, ou seja, que inspira treinos exaustivos, diferentemente da musculação comercial, que é realizada em espaços cuja estética do ambiente traz elementos de socialização, músicas da moda, o que prevalece sobre a eficácia diante dos equipamentos voltados para o treino de força, sendo “um local de consumo de comportamentos”, que nem sempre representa um bom lugar para atletas de fisiculturismo (LESSA E SANTOS, 2020, p. 30).

sites oficiais das federações de fisiculturismo e em apostilas e polígrafos relacionados com a arbitragem do fisiculturismo.

As fontes orais foram constituídas por um grupo de atletas entrevistadas: seis atletas brasileiras de fisiculturismo, filiadas à IFBB Brasil, e uma dirigente da Federação Brasileira de Fisiculturismo. As entrevistas seguiram os princípios metodológicos da História Oral (MONTENEGRO, 2010; PORTELLI, 2010) e são caracterizadas como “entrevistas compreensivas”, pois pressupõem “um saber-fazer mais pessoal do que estandardizado” (FERREIRA, 2014. p. 97).

A escolha das entrevistadas foi intencional e optou-se por selecionar fisiculturistas que possuíssem certa experiência em competições nacionais e/ou internacionais. As esportistas pertenciam a diferentes categorias do fisiculturismo feminino (duas eram da categoria *bodybuilder* e uma das demais categorias). Também foi feita uma entrevista com Margarete Rodrigues, vice-diretora da IFBB Brasil.

As entrevistas foram realizadas individualmente e as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[27]. Em decorrência da pandemia COVID-19, as entrevistas foram *on-line*, por meio da plataforma *ZOOM*[28]*.* Todas as entrevistadas autorizaram a utilização de seus nomes na pesquisa. Esse não anonimato possibilita que a pesquisa instituía uma cumplicidade com as narradoras, autoras de vasto saber empírico sobre o fisiculturismo. A seguir, apresentamos um quadro com alguns elementos biográficos das narradoras entrevistadas.

Quadro 1 – Componentes biográficos das narradoras

Nome da Narradora	**Papel dentro do Fisiculturismo**	**Categoria**	**Principais competições**
CL[29]	Atleta	*Fitness* Coreográfico	Jogos Panamericos, Campeonato Estadual e Campeonato Brasileiro.

[27] Anexo 4.

[28] O *Zoom Meetings* é uma plataforma de videoconferências robusta que possui diversas funcionalidades voltadas para ambientes corporativos, suportando reuniões com até 500 participantes e 10 mil expectadores no modo *webinar*. Muito utilizada no meio empresarial, tal plataforma se destaca pela estabilidade da conexão em qualquer dispositivo.

[29] CL nasceu em 09 de dezembro de 1970. Além de atleta fisiculturista desde 2016, também desempenha a profissão de *personal trainer*. A entrevista com CL ocorreu no dia 03 de abril de 2021.

CM[30]	Atleta	*Bikine* Fitness	Jogos Panamericos, Campeonato Estadual, Campeonato Brasileiro e Campeonato Sulamericano.
KC[31]	Atleta	*Wellness*	Campeonatos regionais, Campeonato estadual, Campeonato Sulbrasileiro e Campeonato Brasileiro.
DS[32]	Atleta	*Bodyfitness*	Campeonatos regionais, Campeonato estadual e campeonato Brasileiro
VS[33]	Atleta	*Woman'sPhysique*	Campeonatos regionais, Campeonato estadual e Campeonato Brasileiro.
AS[34]	Atleta	*Woman'sPhysique*	Campeonatos regionais, Campeonato estadual e Campeonato Sulbrasileiro
MR[35]	Dirigente	Presidente da IFBB RS	10 anos atuando em competições

Fonte: Autoria Própria

Por meio dos suportes das fontes orais (entrevistas) e documentais na literatura, analisamos as relações de poder constituintes do campo do fisiculturismo feminino brasileiro, bem como os efeitos que essa prática esportiva gera nas atletas, ou seja, os modos de subjetivação que produzem mulheres fisiculturistas no século XXI.

Além das referências especificas do fisiculturismo, o estudo utilizou-se de algumas contribuições teóricas de Michel Foucault (1985: 1988), para problematizar as relações de poder constituintes do fisiculturismo feminino brasileiro e analisar como o fisiculturismo atua na subjetivação das fisiculturistas.

.

O processo de esportivização do fisiculturismo

Atualmente, apesar de o fisiculturismo estar consolidado em muitos países, é comum haver certa confusão ou uma não diferenciação entre o fisiculturismo e o halterofilismo. Em síntese, o fisiculturismo é um esporte que envolve tamanho,

[30] CM nasceu em 24 de agosto de 1984. Além de atleta fisiculturista desde 2017, ela também é estudante de Nutrição. A entrevista com CM ocorreu no dia 12 de abril de 2021.
[31] KC nasceu em 08 de julho de 1989. Além de atleta fisiculturista desde 2016, KC desempenha a profissão de designer de joias. A entrevista com KC ocorreu no dia 23 de abril de 2021.
[32] DS nasceu em 23 de novembro de 1990. Além de atleta fisiculturista desde 2018, ela também desempenha a profissão de farmacêutica. A entrevista com DS ocorreu no dia 05 de maio de 2021.
[33] VS nasceu em 06 de janeiro de 1994. Além de fisiculturista desde 2016, ela também é *personal trainer*. A entrevista com VS ocorreu no dia 14 de maio de 2021.
[34] AS nasceu em 07 de outubro de 1994. Além de fisiculturista desde 2015, ela trabalha como *personal trainer*. A entrevista com AS ocorreu no dia 06 de junho de 2021.
[35] MR nasceu em 13 de fevereiro de 1975. Além de dirigente na Federação de Fisiculturismo desde 2007, MR atua como professora de Educação Física e empresária. A entrevista com MR ocorreu no dia 15 de abril de 2021.

forma, proporção e qualidade estética do físico. Já o halterofilismo é um esporte "julgado pela quantidade de peso que um[/a] competidor[/a] pode manejar em qualquer tipo de levantamento" (SCHWARZENEGGER, 2001, p. 49).

O processo de modelagem corporal via musculação, com ênfase e desenvolvimento sistemático da hipertrofia, tem acompanhado a história da civilização (FERREIRA, 2008). Como Lombardo (2003) relatou, as evidências da exibição pública do corpo e seu cultivo nos antigos ginásios gregos e romanos, embora se limitem ao corpo masculino, remontam ao século 4 a.C.

Considerando-se a participação histórica das mulheres nos inventos e nas tecnologias da musculação competitiva, percebe-se que também não havia uma clara separação entre as modalidades: culturismo, *powermen/women*, *strongmen/women*, halterofilismo, dentre outras (JAEGER, GOELLNER, 2011; JAEGER, 2009; ESTEVÃO; BAGRICHEVSKY, 2002). Assim, apesar de as mulheres terem participado de determinados eventos competitivos desse campo de práticas, de modo geral não era especificado como se caracterizava a competição da qual elas participavam. Inicialmente, todas as mulheres faziam parte da categoria *bodybuilder,* posteriormente, o fisiculturismo feminino passou a dividir a participação das mulheres em diferentes categorias[36].

A partir de 1930, houve um processo de maior distinção entre levantar pesos puramente pela força e treinar com pesos para dar forma e proporção muscular ao corpo. Em 1950, Steve Reeves, após conquistar os títulos de Mr. América e o Mr. Universo, tornou-se uma estrela de cinema internacional, com atuação nos filmes *Hércules*, *Morgan*, *Pirata* e *O Ladrão de Bagdad* (SCHWARZENEGGER, 2001). Esse foi um dos momentos cruciais do fisiculturismo. Corpos de fisiculturistas conquistaram o cinema, apresentando um novo modelo estético de corpo, um marco no surgimento do ideal de beleza (SCHWARZENEGGER, 2001). Como consequência, novas atrizes e atores, modelos fotográficos e de passarela, também, passaram a frequentar academias/ginásios para conquistar o corpo atlético que passou a ganhar maior prestígio social e estético (SCHWARZENEGGER, 2001; COURBIN, COURTINE; VIGARELLO, 2008).

No Brasil, a Confederação Brasileira de Culturismo e Fitness, afiliada à IFBB, organiza cerca de 70 campeonatos anuais e, desde 2013, organiza uma competição

[36] As diferentes categorias femininas contemplam padrões distintos. Algumas exigem maior volume, definição muscular e, até mesmo, adereços.

internacional anual, a Arnold Classic Brasil (FURTADO, 2009). Até o ano de 2017, a IFBB era filiada à *National Physique Committee* (NPC)[37], entretanto, em nota oficial de esclarecimento, publicada na rede social oficial da IFBB Brasil[38], o então presidente da federação e membro da comissão executiva da IFBB Internacional, Mauricio Arruda, expôs a suspensão da NPC e de seu presidente. Arruda ressaltou que a IFBB Internacional e a *Pro League (NPC)* já eram entidades diferentes desde 2006 e a especulação sobre a separação entre as entidades era verdadeira. Porém, desde 2006, com as mudanças e formalizações na federação, Arruda prometeu mudanças positivas para o cenário do fisiculturismo brasileiro em termos de estrutura e oportunidades para atletas e envolvidos(as).

> NPC são os promotores regionais. Essa é a diferença. E aí aconteceu aquela briga, foi um para cada lado, acabou que o Olímpia foi vendido de novo para um cara. Não te esquece que o Olímpia é quem paga para vencer. E a empresa. Olímpia é um show, então, normalmente, o atleta que vence, e todo mundo fala isso, né, todo mundo critica muito isso, mas continuam indo, né, porque se criou o Olímpia como a competição das competições (MR – Dirigente, entrevista 2021).

A IFBB organiza campeonatos de níveis mundiais, continentais, regionais e nacionais para homens e mulheres e, ao longo dos anos, criou categorias masculinas e femininas, sendo elas: Categorias masculinas - Muscular *Men'sPhysique*; Fisiculturismo ou *Bodybuilding*; Fisiculturismo Clássico; *Men's Classic Bodybuilding*; *Men's Fitness*; *Games Classic*; *Men'sPhysique; Classic Physique; Men'sWheelchair bodybuilding*. Categorias femininas - *Fitness* Coreográfico ou *Woman's Fitness; Bodyfitness; Bikini Fitness; Woman's Physique; Welness Fitness*. Categoria infantil, contemplando meninos e meninas - *Children Fitness*.

Apesar da participação nos Jogos Pan Americanos de 2019, diferentemente do surfe, o fisiculturismo não esteve presente nas Olimpíadas de 2021, no Japão.

Independente da inclusão ou exclusão nos megaeventos esportivos, nos jogos Pan Americanos e/ou nas Olimpíadas, o fisiculturismo é uma prática esportiva emergente que, a cada dia, encontra novos adeptos, independente de gênero, idade

[37] Atualmente, o órgão que governa o esporte de musculação e *fitness* é a própria Federação Internacional de Musculação e *Fitness* (IFBB), que possui a sede em Montreal/Canadá e, em 2020, se fazia presente em 199 países. (https://ifbbbrasil.com.br/)

[38] Todas as categorias das competições de fisiculturismo são definidas pela Internacional Federation of Bodybuilding and Fitness – IFBB

ou classe. Sabino e Luz (2014) afirmam que, em alguns espaços, o número de mulheres praticando lutas, *fitness* e *bodybuilding* superam o dos homens[39].

Para a chegada ao cenário atual, muito se deve às federações, porém essas necessitam se "atualizar" quanto à interação com os seus principais atletas, que são, de fato, sua principal plataforma de contato com o público. Essa ideia fica clara na fala da atleta CL, primeira mulher a representar o fisiculturismo brasileiro nos Jogos Pan-Americanos:

> A Federação aqui me valoriza muito. Aliás, a Federação [do] DF, porque eu fico muito sentida com a IFBB Brasil, que, por incrível que pareça, eles não me seguem no Instagram. Eu comentei isso, que é uma gafe. Comentei isso com a Patrícia e com o Joaquim, aqui. Eu marco, sempre, eles. Marco, marco, sempre, eles. Eles não me seguem. Então eu acho um descaso. Isso é um descaso. Então, assim, eu tenho muito mais... de você, um incentivo. Incentivo de pessoas. E o que mais me satisfaz são as pessoas que se movem com essa minha motivação (CL – *fitness* coreográfico, entrevista 2021).

Com o processo de iniciação à profissionalização do esporte, alguns atletas passam a ser referência de identificação para certos indivíduos. Assim, a espetacularização do fisiculturismo passou o campo midiático, maiores investimentos econômico e uma certa glamourização da sua prática (COSTA, 2018).

O *doping* e o fisiculturismo

Desde que o homem procurou pela primeira vez estender suas proezas físicas para melhorar suas chances de sucesso, seja em combate ou esportes organizados, ele recorreu a ajuda adicional na forma de ajudas ergogênicas, substâncias que influenciam diretamente um aspecto particular do funcionamento fisiológico para impulsionar o desempenho além nossas capacidades.

> Quando você é cadastrado, como eu fui, em esporte olímpico, eles podem te ligar, eles batem na porta da sua casa a qualquer momento para fazer o seu anti*doping*. Então, não existe isso de você ter regras de tomar aquele anabolizante que sai em 60 dias, que sai em 48 horas. Não. Porque a partir

[39] Outras pesquisas sobre academia de ginástica e musculação podem ser encontradas, por exemplo, em Sabino (2000, 2004), Sabino e Luz (2014), Sabino, Luz e Carvalho (2010). Scharzenegger (2001) ressalta que "muitos fisiculturistas jovens saem para treinar em lugares, como a *World Gym*ou a *Gold's Gym,* por exemplo, e depois voltam para a casa, inspirados por terem treinado ombro a ombro com um *Mister Universo* ou um campeão do Arnold Class (SCHARZENEGGER, 2001, p. 88).

> do momento que você é cadastrado lá, a qualquer momento eles podem te ligar (CM – *Bikine*, entrevista 2021).

A passagem acima mostra como o combate ao uso do *doping* no esporte moderno possibilitou a instituição de práticas de vigilância sobre a vida dos atletas. Essas práticas passaram por um aguçado processo de aperfeiçoamento após a criação da Agência Mundial *Antidoping* (WADA-AMA), como é o caso, por exemplo, do Programa Passaporte Biológico[40], que institui modernas formas de controle da vida dos atletas (SILVEIRA; RIGO, 2015).

No âmbito do fisiculturismo, as controvérsias sobre o *doping* ganham maior visibilidade do que em outras modalidades, principalmente, porque historicamente alguns fisiculturistas se utilizam de certos esteroides anabólicos androgênicos (EAAs) (WINTERMANTEL *et al.,* 2016). Nesse sentido, como observou uma das atletas entrevistadas: "...claro que a gente sabe que sempre tem pessoas que mostram uso de recursos ergogênicos como uma forma irresponsável, a gente sabe que tem isso. Então talvez o preconceito das pessoas venha em função disso..." (KC – *Wellness*, entrevista 2021).

Entretanto, atualmente, há uma modernização nos métodos de controle dessas substâncias (TANNO *et. al.,* 2011). A Agência Mundial Antidopagem (AMA) classifica como delitos de dopagem, os quais são atualizados periodicamente, o uso de uma gama de substancias (WADA, 2016). A maioria das federações esportivas internacionais utilizam os mesmos critérios adotados pela AMA.

A figura que segue ilustra a identificação da presença do *doping* em diferentes modalidades esportivas:

[40] O Programa Passaporte Biológico do Atleta (ABP), um dos mais recentes investimentos da WADA na luta contra o *doping*, foi proposto no início do ano 2000, mas suas diretrizes e normas somente foram lançadas oficialmente em 2009. Constitui-se de um programa baseado em amostras de sangue coletadas aleatoriamente, com o objetivo de vigiar com constância cada atleta individualmente. Maiores considerações sobre esse tema, ver: (SILVEIRA; RIGO, 2015).

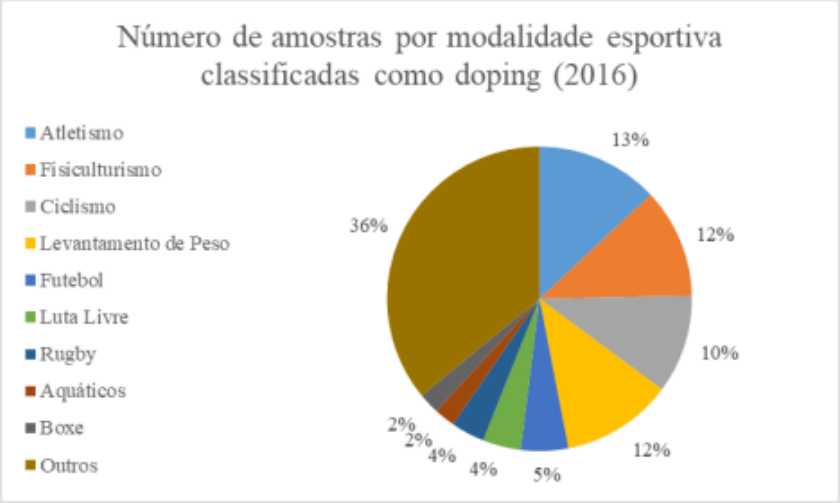

Figura 1 – Número de amostras por modalidade esportiva classificadas como *doping*

Fonte: (WADA, 2016).

Embora não seja surpreendente que esportes, como atletismo, fisiculturismo e ciclismo, estejam entre as modalidades esportivas com maior incidência de *doping*, a figura também mostra como essa problemática se espraiou para diversas modalidades esportivas, reforçando o discurso de que: "[...] há uma certa discriminação com o fisiculturismo", pois, [...] a gente sabe que o *doping* está presente [...] no ciclismo, na corrida, no basquete e no fisiculturismo" (KC – *wellness*, entrevistada 2021). Ainda, nas palavras de Keli:

> Eu acredito que essa discriminação com o fisiculturismo ocorre porque ele é o único esporte que o resultado aparece no corpo, o resultado do trabalho, do treino, de todo o contexto, aparecer no corpo. E eu acredito que por aparecer no corpo e por aparecer tanto, tem uma discriminação tão grande diferente dos outros, porque é uma coisa que difere muito. O fisiculturismo é um esporte totalmente extremo aonde tu vai ao extremo no treino na mesma forma que outros atletas vão ao extremo no treino de maratona, um maratonista, um ciclista, enfim, porém a gente acaba mostrando isso de forma explicita, porque está ali o que a gente está fazendo está ali. Então eu acho que é por isso, porque a gente mostra no corpo. Nossa performance é diferente de um corredor, um ciclista, que tem um corpo normal, de uma pessoa normal, mas que também precisa fazer uso de várias substâncias, para poder melhorar a velocidade, a força. Enfim, eu acredito que seja bem por esse lado mesmo (KC – *Wellness*, entrevista 2021).

Outra atleta entrevistada também reclamou da tendência que há, no universo das mídias esportivas, em expor mais o fisiculturismo do que as outras modalidades esportivas, quando o assunto é o uso de *doping*. Segunda ela, talvez isso ocorra

porque, no caso do fisiculturismo, é necessário “apresentar o corpo, né. E têm substâncias que ficam muito tempo” (CL – *Fitness* Coreográfico, entrevista 2021).

A fisiculturista DS, por sua vez, salientou que o uso frequente do *doping* no fisiculturismo, provavelmente, esteja associado ao fato de que, nesse esporte, o *doping* é capaz de interferir de maneira mais imediata nos resultados do que nas outras modalidades esportivas.

> [quanto ao *doping*]. Eu acho que acontece porque na musculação, no fisiculturismo, se você não usar hormônios, as coisas não vão fluir, entendeu? Pode até fluir, mas tem certa demora. Mesmo eu usando hormônios, eu não consegui chegar no que era para eu ter chegado, nos 12 quilos. Eu só consegui aumentar 8 quilos. Então no fisiculturismo não tem como não usar hormônios. Não tem como (DS – *Bodyfitness*, entrevista 2021).

Entretanto, diferente do que muitos acreditam, os anabolizantes por si só são inúteis para aumentar a força e o volume muscular (FARIAS; RIBEIRO, 2014). Segundo Thomas e Roger (2010), o nível de massa muscular depende do potencial genético de um indivíduo (a quantidade de mitocôndrias nos músculos que favorecem a regeneração), e não da forma como o atleta promove o crescimento muscular, a intensificação do treinamento ou o uso de drogas.

Muitas vezes, a visão estereotipada do fisiculturismo como produto exclusivo do uso de anabolizante é a que predomina na população, inclusive no meio esportivo. Tal perspectiva ignora “a rotina daquele atleta” que, segundo Margarete Rodrigues:

> “acorda às 5 horas da manhã, faz cardio em jejum; que chega à meia noite em casa e tem que preparar todas as marmitas; que dorme três, quatro horas por dia, que treina no horário que dá, às vezes ao meio-dia, no horário de intervalo, que vai de noite treinar na academia, que tem outro cardio para fazer para finalizar” (MR – Dirigente, entrevista 2021).

Essa ideia maculada do fisiculturismo, como o resultado do uso de anabolizante, em parte, pode estar associada aos efeitos de alguns estudos que se centraram em denunciar o uso do *doping* no fisiculturismo, a exemplo dos estudos de Estevão (2004; 2005), e também, aos discursos conservadores que, historicamente, tentaram definir certos padrões de corpos para homens e outros para mulheres. Esse ideário conservador tem dificuldade para aceitar que o fisiculturismo é uma modalidade esportiva emergente, que não se reduz a “[...] tomar

bomba, comer muito macarrão e arroz e subir. Ele é muito longe disso. É muito além disso" (CM – *Bikine*, entrevista 2021).

Contudo, alguns atletas, apesar dos riscos, insistem em usar EAAs, pois caso contrário, podem se sentir em desvantagem perante os demais competidores que se utilizam desses recursos. Isso faz com que alguns fisiculturistas assumam uma posição favorável à liberação do uso das substâncias que são consideradas *doping* nas competições de fisiculturismo:

> [...] eu acho até que deveria ser revisto essa questão do *doping* no fisiculturismo... ...no brasileiro que eu participei, que foi agora em 2019, a Confederação *Antidoping* estava lá. Aí, estava todo mundo desesperado. Eu entendo assim...". Mas eu acho também que se chegar uma lei dizendo que no fisiculturismo não vai ser feito *antidoping*, mais uma vez o nosso esporte vai ser colocado em cheque (VS– *Woman's Physique*, entrevista 2021).

Desse modo, inserido o fisiculturismo no contexto do esporte moderno espetacularizado e a presença do doping: é possível concluir que "[...] as pessoas confundem muito isso". Pois: "Todo o esporte de alto rendimento utiliza alguma coisa" (MR – Dirigente, entrevista 2021)[41].

Mulheres fisiculturistas: corpo, poder e subjetividade

> [...] Olha que evolução nós tivemos com relação ao esporte mundial, o Fisiculturismo, de 2012, 2010 para cá, nós já estamos com mulheres no palco. Hoje 30, 40% dos meus atletas, tu viste quando eu te mandei a lista, são mulheres. Olha o quanto cresceu (MR – Dirigente, entrevista 2021).

No final do século XIX e início do século XX, algumas mulheres adquiriram certa popularidade e reconhecimento público ao se apresentarem como "profissionais da força" ou *strongwomen.* Kattie ou Katie Brumbach adquiriu grande popularidade nos primeiros anos do século XX, quando ficou conhecida como Sandwina ou a *Iron-Queen* Sandwina. Além de Katie, destacaram-se: Athelda, Minerva, *Athleta*, Gertrudes Leandros, Madame Montagna, Vulcana, Lilian Leitze,

[41] Outras considerações sobre a presença do doping nas olimpíadas e no esporte moderno consultar: (SIMSON e JENNINGS, 1992).

Loiuse Armando, Mademoiselle Aini, Miss Herta, Madame Stark, Elvira Sansoni, (CHAPMAN; VERTINSKY, 2010).

Os espetáculos dessas mulheres percorriam a Europa e os Estados Unidos e se caracterizavam, fundamentalmente, por demonstrações de força física, em que elas elaboravam diferentes formas de exibir seus corpos como uma arte, obtendo apreciação e respeito[42].

Eugene Sandow era uma figura popular desde o final do século XIX e a imagem de seu corpo, moldado pela exercitação, era divulgada, também, pelo uso da fotografia e dos filmes[43]. Na Europa e na América, a imagem de Sandow figurou em milhões de cartões de visitas e de selos, entretanto não podemos dizer o mesmo de Sandwina[44].

Ao perceber o silêncio sobre às *strongwomans,* como, por exemplo, a existência velada de Sandwina, considerada a mulher mais forte do mundo de 1910 [45] , temos indícios reveladores dos discursos que sustentavam os procedimentos disciplinadores daquele tempo. Corpos, como o de Sandwina, eram considerados desviantes do que se queria naturalizar como inerente ao feminino. Portanto, não poderiam ser mencionados nem tornados visíveis, inclusive porque desestabilizavam as imagens construídas para estabilizar e assegurar um jeito feminino de ser e se comportar daquele tempo (GOELLNER; FRAGA, 2004).

Durante muitos anos, os esportes de força foram condenados para as mulheres, que eram vistas como frágeis e vulneráveis em função de sua capacidade reprodutora. Hoje, com os avanços da ciência e, principalmente, pela história das mulheres atletas, que foi escrita às custas de muita resistência e luta, encontramos um número cada vez maior de mulheres que buscam uma modalidade desportiva, a exemplo de lutas marciais, boxe, musculação ou, mesmo, jogos de quadra, seja como investimento profissional, como momento de lazer, para suprir seus desejos de beleza ou por prescrições médicas ou fisioterápicas (LESSA, 2004).

---

[42] A norte americana Minerva, por exemplo, entrou para o *Guiness Book*, em 1985, ao levantar do solo uma plataforma de madeira onde subiram 23 homens, totalizando 1650 quilos (TOOD, 1990, p.15).

[43] Para conhecer um dos filmes (maio de 1894) de Eugene Sandow, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=7zt0E6Yh7zA.

[44] Katie Sandwina (nascida Katie Brumbwach; 1884 – 21 de janeiro de 1952) foi uma atleta de força e apresentadora de circo.

[45] Em outubro de 1910, Sandwina media 1 metro e 82 centímetros de estatura, pesava cerca de 98kg e tinha um bíceps de aproximadamente 44 cm. O jornal alemão *Woven Man Spricht* publicou, em dezembro de 1910, uma entrevista com ela conferindo-lhe o título *The Iron-Queen.*

Anne Bolin (2001) aponta que a re-introdução do treinamento de resistência para mulheres atletas nos anos 1950, o movimento feminista dos anos 1960 e a explosão do *fitness* nos anos 1970, são alguns aspectos que influenciaram o desenvolvimento do fisiculturismo feminino.

Apesar de as mulheres continuarem a romper padrões e limites da sua potencialização muscular, mantendo acesa a discussão em torno do músculo e da femilidade, o processo de esportivização do fisiculturismo também é marcado por novas regras e regulamentações que controlam seus corpos, como é o caso da determinação da Federação Internacional de Fisiculturismo e Fitness que, em 2004, solicitou que as atletas diminuíssem em 20% o seu volume muscular, justificando que o volume muscular em excesso produzia uma aparência masculina (LESSA, 2004). Tal medida produziu controvérsia no meio dos fisiculturistas, como ilustra o depoimento da própria dirigente:

> Os caras estavam destruindo as mulheres. Mas tu achas que uma entidade como a IFBB ia querer ver as atletas todas destruídas? Não. (...) A deformidade no rosto, masculinização, aquele volume muscular muito grande, realmente se apresentando uma pessoa muito masculina... A IFBB como entidade, não quer isso. Aí nós tiramos o *Bodybuilding*, porque realmente ficou muito aquém. Começou a deturpar a imagem. Ficou feio. E outra, não apresenta um aspecto saudável da mulher. Porque ela já se apresentava no palco sem cabelo. Então tu estás vendo, né. Então, isso foi banido. (MR– Dirigente, entrevista 2021).

Parte da passagem acima, rementem à questão da estética e suas relações com o sexo e o gênero. Temática que Gumbrecht (2007) ressalta ao destacar que: muitos jovens fisiculturistas viram em Arnold Schwarzenegger, astro do cinema dos anos de 1990, uma inspiração para o “crescimento infindável de cada músculo” (GUMBRECHT, 2007, p. 111). Outra entrevistada também adentrou esse tema ao comentar que:

> É questão estética também, eu gosto de estar assim, eu gosto de me sentir bem, gosto de olhar no espelho e ver do que eu gosto. Então essa questão da abdicação vai além do esporte, além de eu fazer por amor eu também gosto muito do que eu vejo no espelho, gosto muito de ver como o meu corpo fica fazendo as escolhas que eu faço. Então eu sei que se eu fizer outras escolhas, o meu corpo vai responder de uma forma que talvez eu não goste tanto e aí isso vai interferir, talvez, na minha autoestima, talvez eu não vou ficar tão confiante, talvez eu vou começar a escolher roupas mais largas, não vou... talvez não vou ter o mesmo sentimento de empoderamento, talvez não ficar tão à vontade com o meu marido, outras questões entendeu, que a gente sabe que faz parte da autoconfiança da mulher. Então hoje eu estou muito bem à vontade com o que eu sou e muito bem à vontade com o que eu conquistei. Então quando eu vou fazer uma escolha eu peso muito isso, onde essa escolha vai me levar. Vai me levar a

> conquistar algo a mais no meu físico, vai me ajudar a conquistar algo a mais no esporte? (KC - Wellness, entrevista 2021).

As atletas fisiculturistas que optaram por potencializar seus músculos, questionando os padrões de corpos e de feminilidade vigentes, tendem a ser enquadradas como mulheres de feminilidade desviante, Jaeger (2011). Todavia, o tempo, provavelmente, fará emergir outras possibilidades de feminilidades (LOURO, 2003). Este desafio, que é ser uma atleta fisiculturista e romper com alguns padrões de feminilidade ainda hegemônicos, está presente na constituição da subjetividade das nossas entrevistadas, como ilustra a passagem do depoimento de DS.

> Primeiro, a minha mãe sempre achou um esporte meio... músculo. Músculo é para homem. Ainda rola aquele meio que preconceito, com várias pessoas. Até mudar isso, acho que ainda vai levar um bom tempo. Então, para mim, primeiro eu pensei assim: se é algo que eu gosto e é algo que eu me sinto bem, está ótimo. Não precisa ninguém achar que está bom ou que está ruim. Quem tem que achar que está bom, sou eu. (DS - Atleta *Bodyfitness*, entrevista 2021).

As motivações que impulsionam as mulheres para o fisiculturismo feminino são variadas. Fisiculturistas mulheres estão engajadas em um ideal visual há muito visto como a antítese da feminilidade. Isso não as impede de se orgulhar e obter enorme satisfação com o desenvolvimento de uma forma muscular. É uma imersão e compromisso com uma estética muscular que ilustra o quão longe essas mulheres viajaram das normas de aceitabilidade social de gênero e de sexo. Recusando o conformismo com os ideais convencionais de feminilidade, as fisiculturistas representam a possibilidade de novos visuais de corpos para as mulheres (KAYE, 2015).

Fisiculturistas mulheres experimentam mudanças como uma sensação intensificada de estarem vivas, uma sensação que se manifesta em um encorajamento e fusão dos sentidos. Os limites entre o prazer e a dor enfraquecem e se dissolvem na "sensação de êxtase" do fisiculturismo. O que antes seria desconfortável se transforma em um "belo e prazeroso" ultrapassar os limites. As motivações das fisiculturistas, a satisfação que obtêm ao atingir uma aparência muscular, suas experiências de levantamento de peso, seu compromisso com uma dieta facilitadora do crescimento e as relações de sociabilidade, que podem vivenciar na própria academia, ilustram como essas mulheres são imersas em uma

ordem muscular de interação e apresentação radicalmente diferente da ordem de interação de gênero (BOYLE, 2015).

Atualmente, as atletas de musculação ou fisiculturistas são divididas em cinco categorias a partir da IFBB: *Womans Physique, Bodyfitness, Fitness* coreográfico*, Wellness fitness e Bikine fitness.* Essas categorias representam parâmetros relacionados ao volume muscular da atleta e, no caso da categoria *Fitness* coreográfico, alguns parâmetros avaliativos são oriundos da Ginástica Artística. Assim, nessa categoria, a avaliação engloba elementos de força, de flexibilidade e de destreza (VASCONCELOS, 2005; VIGNE, 2005, OLIVEIRA, 2007).

No Brasil, a IFBB já está presente em 18 estados e é dirigida por Diana Monteiro (atleta profissional de *fitness* e *personal trainer*) e sua vice-diretora, Margarete Rodrigues, desde 2019. Em 2019, ano em que o fisiculturismo estreou nos Jogos Pan Americanos, os dados das atletas filiadas pela IFBB do Rio Grande do Sul, era: 3 atletas na categoria *Woman's Physique*, 12 atletas na categoria *Bodyfitness*, 13 atletas na categoria *Bikini Fitness*, 49 atletas na categoria *Wellness Fitness* e nenhuma atleta na categoria *Fitness* Coreográfico[46]. Ao ser questionada sobre a razão do baixo volume das atletas inscritas nas categorias *bodybuilders*, a dirigente fez referência ao fato de a popularização do padrão corporal exigido para elas não ser uma preferência entre as mulheres.

> Eu acho que é por causa do formato do corpo mesmo. E outra, corpinho de Body Fitness, se tu não nascer para aquilo ali, é difícil. Porque veja bem, tu tens que ter o shape em y, o glúteo pequeno que nem de uma Bikini, e a brasileira não é assim. Tanto é que categoria Bikini são poucos atletas aqui no Brasil. Agora vai ver nos Estados unidos. Porque é o padrão delas. Agora, veja bem, *Wellness* internacionalizou. A *Wellness* lá fora não é igual a nossa *Wellness* aqui, porque nós temos glúteo. A categoria Body Fitness é uma categoria muito difícil, porque a atleta vai depletar, menina, se não cuidar o glúteo fica murcho. E a *Women'sPhysique*, é difícil. Todo mundo quer ser *Wellness* (MR – Dirigente, entrevista 2021).

Também, nessa mesma direção, revela-se a fala da fisiculturista AS:

> Então, o fator preconceito da nossa sociedade, mais ainda aqui no Sul, porque no Rio Grande do Sul, pela questão da tradição e tudo mais, é um pouco, digamos, assusta muito aos olhos de quem vê. É que nem eu te mencionei, outro dia, eu fui no supermercado, um idoso ficou me olhando apavorado assim. É algo que aqui a cultura é muito fechada, digamos assim. Tu sais do Estado, tu vês muito mais mulher musculosa, outros padrões corporais que aqui não é tão comum de ver (AS – *Woman's Physique*, entrevista 2021).

[46] Dados fornecidos pela IFBB RS por meio da MR, presidente da Federação de *Bodybuilding* e Fitness do Rio Grande do Sul e vice diretora da IFBB Brasil, vide anexo.

Ao longo do tempo, muitas mulheres fisiculturistas foram invisibilizadas e, ainda hoje, o fisiculturismo continua caracterizando-se como uma prática majoritariamente masculina.[47] Entretanto, essa predominância masculina está longe de ser uma exclusividade do fisiculturismo. A emergência do esporte moderno deu-se como uma prática que excluía as mulheres, praticamente de todas as modalidades (MOURÃO, 2000).

Na literatura brasileira, ainda são poucos os estudos que tratam do tema da mulher fisiculturista. Entre os existentes, Jaeger (2009) traz considerações importantes sobre o modo como as atletas gerenciavam o seu cotidiano para marcar no seu corpo as exigências do esporte. A autora trata dos discursos e imagens que constituem e são constituídos no fisiculturismo, das representações que são produzidas e produzem a construção das arquiteturas corporais das mulheres fisiculturistas. Jaeger (2009) assinala que o fisiculturismo de mulheres representa um lócus de produção de corpos desviantes, que não se enquadram nas referências de feminilidades hegemônicas.

Acerca da relação corpo x preconceito

Como um fenômeno empírico, o fisiculturismo feminino é consistente e culturalmente definido como desviante, com base em reações individuais e sociais agregadas às transgressões percebidas das normas tradicionais de gênero (SHILLING; BUNSELL, 2009).

O público dominante tende a julgar a busca obsessiva dos fisiculturistas masculinos por grande musculatura e algumas de suas outras práticas subculturais como desviantes. No entanto, mulheres com musculatura desenvolvida correm o risco de enfrentar reações virulentas e totalmente desagradáveis do público, porque estão cruzando os limites do comportamento normativo em geral, além de, flagrantemente, estarem desrespeitando o comportamento de gênero aceitável e as normas de aparência para as mulheres (SHILLING; BUNSELL, 2009).

Os aspectos mais comuns da aparência de fisiculturistas mulheres que o público convencional considera desviantes são seus músculos grandes e/ou visivelmente estriados, perda de marcadores femininos, como tecido mamário, e

[47] Enciclopédia do Fisiculturismo e Musculação (SCHWARZENEGGER, 2001).

efeitos masculinizantes do uso percebido ou real de esteroides (SHILLING; BUNSELL, 2009). Os comportamentos, geralmente, julgados como desviantes são demonstrações abertas de força, práticas extremas de dieta pré-competição e rotinas de exercícios intensos e frequentes. Apesar de a onipresença do público *main stream* rotular as mulheres fisiculturistas de desviantes, as percepções de tal desvio como negativas não são, de forma alguma, universais ou incontestáveis (THOMAS, 2015).

Além do apoio considerável de outros fisiculturistas e fãs, muitos não participantes admiram, apreciam ou reverenciam mulheres musculosas, às vezes, ao ponto do fetichismo sexual. Por outro lado, o fisiculturismo feminino e as mulheres que o praticam se tornam não apenas aceitáveis, mas ocasionalmente se aproximam dos padrões para alguns públicos mais íntimos, incluindo membros da família, amigos e parceiros românticos (THOMAS, 2015).

Essas avaliações sobre os corpos das mulheres fisiculturistas manifestam-se de diferentes maneiras, como mostram algumas passagens das narrativas das nossas entrevistadas. CL destacou: “80% eu acho que ainda consideram que mulheres fortes a assustam”. Entretanto, fez questão de salientar que ela se encontrou no seu mundo, afirmando que é nele “onde eu gosto de estar, é onde eu gosto de sair, eu gosto de fazer as coisas, e isso foi mudando.” (CL – *Fitness*, entrevista 2021). Sobre a aceitação e a sociabilidade, outra fisiculturista destacou: “olha, eu não me importo. A única coisa que às vezes eu ainda falo, e tudo, eu falo: é, igual a mim não vai ficar mesmo, porque é muito difícil chegar assim” (DS – *Bodyfitness*, entrevista 2021).

Na relação que uma atleta fisiculturista costuma ter com seu corpo, nossas narradoras destacaram vários componentes que mostram uma relação de autoconfiança: “Ah, domínio, autonomia”. Também, acrescentaram narrativas que remetem a um certo empoderamento, a partir da relação que constroem com seus corpos: “Eu quero, eu faço o que eu quero, na hora que eu quiser, com a dieta que eu quiser. Eu tenho domínio sob o meu corpo, eu faço dele o que eu quiser. E isso é fantástico. Domínio da mente, domínio do corpo.” (CL – *Fitness* Coreográfico, entrevistada, 2021).

AS também salientou esse componente de confiança e de aceitação com o seu corpo, que se estabeleceu a partir da prática do fisiculturismo:

> “Eu comecei a treinar, eu emagreci, eu comecei a melhorar a minha autoestima, comecei a tirar fotos. Eu tinha vergonha”. E, complementa: “eu acho que nunca mais vou me importar com o que os outros pensam, com o preconceito, porque eu gosto do que eu vejo e aí o resto, se não gosta, se gosta, paciência. É simples assim (AS - *Woman’s Physique*, entrevista 2021).

O fisiculturismo, como outros esportes, tenta a reafirmar uma identidade heterossexual da mulher, mas gera estranheza, no sentido de produzir corpos diferentes do que a sociedade concebe como um corpo de homem e um corpo de mulher. Assim, as fisiculturistas convivem, ao mesmo tempo, com os valores sociais de gênero e de sexo estabelecidos e com o tensionamento desses valores binários:

> É uma imagem que as pessoas não estão acostumadas a ver, afinal, a gente elimina praticamente toda a gordura corporal e fica só com os músculos a mostra, com os cortes musculares, então é uma visão agressiva, porque a gente mostra o corpo humano como ele é. Então se torna uma imagem que de certa forma agride algumas pessoas, e ainda mais nas categorias maiores, não tanto na minha, mas também nas outras maiores, eu acredito que cause uma certa estranheza nas pessoas, porque é uma coisa incomum, não é comum ver uma mulher que tenha músculo, não é comum ver uma mulher forte, que tenha músculos a mostra, enfim, porque isso sempre foi uma coisa muito masculina, porque homem tem que ser forte, porque homem tem músculo, mulher sempre foi aquela coisa mais fina, mais delicada. Então, com certeza causou uma estranheza eu escolher esse esporte que ninguém conhecia. Mas minhas amigas amaram, também. Quando eu comecei a competir, também, comentavam, então foi... eu tive uma receptividade muito boa quando eu escolhi o esporte (KC, entrevista 2021).

As federações de culturismo, ao mudar o foco dos shows, as regras de apresentação, os padrões da figura e do vestuário dos atletas, colocaram de lado os primórdios do fisiculturismo feminino, em que hipertrofia muscular, simetria e definição seriam os princípios orientadores. Assim, as fisiculturistas se tornaram ainda mais inclinadas para as questões da feminilidade (BOTELHO, 2009).

Nas competições de fisiculturismo, o uso de esteroides anabolizantes, o tamanho dos músculos, a feminilidade e a graça são fatores categóricos. Por isso, a categoria de *bodybilding* – onde são julgados princípios mais objetivos, como ocorre nas categorias dos homens: simetria, hipertrofia muscular e definição – é excluída das competições femininas (BOTELHO, 2009).

Assim, o corpo da fisiculturista que apresenta um extremo volume muscular, muitas vezes, é classificado como exagerado, não atraente, indesejável, pois é visto como pouco feminino (BOTELHO, 2009). Porém, entre os praticantes de fisiculturismo, esse corpo tende a ser valorizado e admirado, principalmente porque ele representa um investimento feito a partir de anos de treino, de dieta alimentar

etc. (SABINO, 2002). Tais procedimentos relacionam-se com a tendência estética da sociedade atual, repleta de ideais para os exercícios diários de musculação e emagrecimento, aliados ao consumo de dietas, suplementos alimentares e, em muitos casos, anabolizantes (SABINO, 2002).

Todavia, em nossa sociedade, a maioria das mulheres ainda é educada com a ideia de que a força feminina não é atraente para os homens, que ser atraente para o sexo oposto é importante e que competir com os meninos coloca em questão o gênero e a sexualidade de uma pessoa (CHOY, 2013). Nesse contexto, a busca pela muscularidade para as mulheres é uma decisão bastante particular, pois, esteticamente, as fisiculturistas transgridem o que tradicionalmente tem sido visto como o signo corpóreo da masculinidade, o músculo (CHOY, 2013).

Isso está associado à visão de que a muscularidade "protege" o corpo e complementa os ideais dominantes da masculinidade ocidental. O homem ideal é alguém que parece independente, fechado em si mesmo e possuidor de uma força que o capacita a lidar com os caprichos da modernidade. Nesse contexto, quando uma mulher exibe uma estética muscular, ela interfere no senso de normalidade da maioria das pessoas em relação ao gênero e à sexualidade (YOUNG, 2015). Trata-se de uma incompreensão cultural, sustentada pela repulsa estética, relativa a mulheres que buscam adquirir um atributo tradicionalmente masculino. Os ideais do corpo feminino são produções sociais e históricas. Assim, atualmente, a volúpia e a suavidade ressoam visualmente, em nossa cultura, como virtudes femininas de cuidado, interdependência e fluidez (BROAD, 2011).

Contrariando esses ideais estabelecidos socialmente, as fisiculturistas embarcam em uma busca para transcender a si mesmas. Essas mulheres não precisam de "olhar masculino" para validar sua economia de atividade corporal. Treinando na academia, concentrando-se em si mesmas e em seus objetivos enquanto levantam pesos, organizando seu mundo em torno da busca de músculos, relegando a importância de atividades e relacionamentos não relacionados a este objetivo, elas vivem em um ambiente experiencialmente afastado da esfera da feminilidade na ordem de interação (DENHAM, 2018). Em resumo, as fisiculturistas femininas são consideradas ultrajantes pelos "normais" porque elas rejeitam os papéis, costumes, técnicas corporais e aparências, relativamente passivos, associados aos aprendizados ocidentais da feminilidade. Elas recusam a visão da

cultura das mulheres como "seres imanentes" e adotam seus próprios modos de aparência corporal, comportamento, ação, experiência e consumo (WESLEY, 2018).

O argumento de Durkheim (1984), de que o desvio existe, não porque as pessoas se envolvem em atos que são inerentemente desviantes, mas porque suas ações "chocam a consciência coletiva", parece particularmente aplicável às mulheres fisiculturistas. Seus comportamentos e aparências ofendem as sensibilidades culturais daqueles que veem como naturais as distinções sociais que separam homens e mulheres, masculinidade e feminilidade. Além disso, existem consequências associadas a essas transgressões, e estas não são meramente simbólicas, expressas em comentários e olhares desaprovadores, mas se manifestam em uma série de penalidades concretas.

Frequentemente, em termos de suas vidas pessoais, os parceiros e amigos das mulheres fisiculturistas não são apenas críticos, mas estabeleceram uma frieza ou uma distância interpessoal que, às vezes, resulta em rompimentos de relacionamento. As críticas e condenações emanadas de fontes privadas, familiares e públicas envolvem mais do que apenas opiniões verbais. Em primeiro lugar, há uma estigmatização geral dessas mulheres (AAS, 2016). O processo de estigmatização envolve um "tipo especial de relação entre atributo e estereótipo" e se concentra em desacreditar todos os aspectos da vida das mulheres fisiculturistas que transgridam os fundamentos de gênero da interação social. Em segundo lugar, esse descrédito reforça as normas de gênero tão enraizadas em uma sociedade heteronormativa. Isso é evidente no namorado que expressa, por exemplo, desgosto pelas costas de sua namorada, no colega que indica que bíceps grandes são um sinal de lesbianismo, em atendentes que tratam a cliente de maneira diferente com base no fato de que ela não se parece com uma "mulher padrão" (AAS, 2016).

Diante deste cenário, o mais comum é perceber-se posturas de submissão por parte das mulheres, que sucumbem às regras de postura e comportamento de uma sociedade heteronormativa, mas, em contrapartida, para as atletas, essas respostas envolvem uma interrupção do fluxo da vida social, por escolha, em razão de priorizar seu processo de transformação corporal e empoderamento por meio do fisiculturismo.

Considerações finais

O processo de esportivização do fisiculturismo no Brasil tem se caracterizado por controvérsias relativas aos corpos musculosos das atletas, ao máximo de hipertrofia que os corpos das mulheres podem/devem chegar e pelas denúncias de possível uso de substâncias químicas e *doping* no interior dessa prática corporal.

Logo, o fisiculturismo pode ser compreendido como uma modalidade esportiva cuja gênese deu-se/dá-se em um contexto sociocultural em que são hegemônicas as ideias e as crenças de que os corpos devem possuir estruturas musculares que correspondam a um ou a outro sexo e/ou gênero.

Essas condições de possibilidades tendem a produzir discursos de interdição acerca dos corpos musculosos das mulheres fisiculturistas, bem como discursos constituídos e constituidores de relações de poder. Na sociedade moderna, as relações de poder passam pelo corpo, através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio.

Nas relações de poder existentes no campo esportivo, é comum a presença de discursos que tendem a generalizar o fisiculturismo competitivo como uma prática impregnada pelo uso de esteroides anabolizantes[48]. Isso propiciou uma certa estigmatização das mulheres atletas de fisiculturismo, inclusive no contexto acadêmico (COURTINE, 1995; ESTEVÃO, BAGRICHEVSKY, 2002; ESTEVÃO, 2005). Todavia, outros estudos (VASCONCELOS, 2005; VIGNE, 2005; OLIVEIRA, 2007; JAEGER, 2009; JAEGER; GOELLNER, 2012) se atentaram em tratar do tema esportes de força, cuidando para não reforçar essas e outras estigmatizações, em parte já instituídas.

Este trabalho aponta para a evidência de que as mulheres fisiculturistas são vistas pela sociedade como excêntricas, um grupo que é estigmatizado, não porque violaram uma lei formal, mas porque desconsideram, de forma flagrante, o senso

[48] Um exemplo que serve de referência para a associação do fisiculturismo com esteroides anabolizantes é o estudo de Devide e Votre (2005). Nesse estudo, os autores apresentam uma discussão sobre o *doping* no esporte feminino, tendo como referência os Jogos Olímpicos de Munique de 1972. Essa Olimpíada é considerada um marco do uso de esteroides e anabolizantes, principalmente, pelas denúncias de sua utilização por parte de atletas da antiga Alemanha Oriental, que impressionaram por sua aparência exageradamente musculosa e demarcadamente “masculina”.

das pessoas sobre o ideal de estética, sinestésica e dentro do gênero na ordem de interação social.

O fisiculturismo feminino produz corpos feminilizados cultural e historicamente datados. Nesse cenário, as escolhas, aparências, experiências e ações/comportamentos de consumo dessas mulheres, muitas vezes, as excluem das normas sociais hegemônicas. Entretanto, as narrativas das nossas entrevistadas sugerem que os pontos positivos do fisiculturismo são maiores que os preconceitos e estigmas sociais enfrentados. Indo mais além, fisiculturistas mulheres não estão simplesmente fazendo escolhas ou obtendo satisfação com seus desvios. O envolvimento nesta ordem muscular constrói suas subjetividades concomitantemente com o processo de mutação de seus corpos.

A ordem alternativa, muscular, da qual participam, baseia-se em um espaço de lazer restrito e pode constituir nada mais do que uma ameaça simbólica ou uma "solução imaginária" às normas de gênero. No entanto, as mulheres fisiculturistas *bodybuilders* ofendem os sentimentos das normas estilísticas, experienciais e físicas.

Por meio dessa pesquisa foi possível constatar que a cara da cultura fisiculturista e do fitness mudou nas últimas décadas, e é possível falar de uma revolução globalizada das atividades fitness.

Uma parte fascinante dessa transformação cultural diz respeito à relação tensa, mas também independente, que se desenvolveu entre o fisiculturismo e o condicionamento físico. Enquanto o fisiculturismo muitas vezes passou a ser conotado com coisas como esteróides, vaidade, hiper-masculinidade e violência, o condicionamento físico recentemente passou a ser construído em aliança com valores sociais como saúde, juventude e beleza.

Referências

AGÊNCIA MUNDIAL DE ANTIDOGEM. **Achados analíticos adversos relatados por laboratórios credenciados.** Montreal: WADA, 2016.

AGUILAR, Millán et al. **Treze anos de luta contra o *doping* em números.** Teste e análise de drogas, v. 9, n. 6, p. 866-869, 2017.

BOLIM, A. Bodybuilding. Women and sports. CHRISTENSEN, K.; GUTTMANN, A.; PFISTER, G. (orgs.). **International encyclopedia of women and sports**. V.1, New York: Macmillan Reference USA, 2001.

BOTELHO, F. M. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009.

BOYLE, L. Flexing the Tensions of Female Muscularity: How Female *Bodybuilders* Negotiate Normative Femininity in Competitive Bodybuilding. **Women's Studies Quarterly** 33 (1 = 2): p.134–149, 2015

BROAD, K. L. The Gendered Unapologetic: Queer Resistance in Women's Sport. **Sociologyof Sport Journal.** n. 18, p. 181–204, 2011

CHOI, P. Y. L. **Muscle Matters: How to Keep Men's and Women's Differences Visible**. Sexualities, Evolution&Gender 5 (2): p. 71-81, 2013

COSTA, G. Fisiculturismo, stand-up surfe, *longboard* e *poomsa*e: as novidades do Pan 2019. ***Site* do Globo Esporte,** 2018. Disponível em https://globoesporte.globo.com/blogs/brasil-em-toquio/post/2018/01/09/fisioculturismo-stand-up-surfe-longboard-e-poomsae-as-novidades-do-pan-2019.ghtml. Acesso em 21 jun. 2019.

COURTINE, J, J. Os Stakhanovistas do Narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: Sant' Anna, D. B. de (Org). **Políticas do Corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, p. 81-114, 1995.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DENHAM, B. E. **Masculinities in Hardcore Bodybuilding**. MenandMasculinities 11 (2): 234–242. 2018.

DEVIDE, F P; VOTRE, S J. *Doping* e mulheres nos esportes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 1, p. 123-138, 2005. Disponível em http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/138. Acesso em 08 dez. 2020.

DURKHEIM, E. **A divisão do trabalho na sociedade.** Londres: Macmillan. 1984.

ELIAS, N. DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel Difusão Editora, 1992.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Antítese ou reinvenção da feminilidade? As mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da "malhação". **Motrivivência**, n. 19, 2002. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/955. Acesso em 08 dez. 2020.

ESTEVÃO, A; BAGRICHEVSKY, M. Cultura da “corpolatria” e body-building: notas para reflexão. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 3, n. 3, 2005. Disponível em https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-3-3-2004/art1_edfis3n3.pdf. Acesso em 08 dez. 2020.

ESTEVÃO, A. Prática do fisiculturismo: significados. **Motrivivência**, a. XVII, n.24, p. 41-57, jun. 2005. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/727. Acesso em 08 dez. 2020.

ESTEVÃO, A. **A política no corpo:** mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos. São Paulo: PUC, 2005. 280f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. Disponível em https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3526. Acesso em 09 dez. 2020.

FADAS, Tuane; RIBEIRO, Daniella. Efeitos colaterais em atletas associados ao uso abusivo de esteróides anabolizantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** 2014.

FERREIRA, V. **Tatuagens, bodypiercing e culturas juvenis.** Lisboa: ICS, 2008.

FERREIRA, V. S. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e sociedade**, v.23, n.3, 2014, p.979-992. Disponível emhttp://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300979&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08 dez. 2020.

FIGUEIREDO, Renato. Uma história da testosterona sintética: de Brown Séquard a Rebeca Gusmão, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. São Paulo. 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graall, 1988.

GREGOLIN, M. R. F. V. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, R.; RAJAGOPALAN, K. (Org). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso.** Campinas: Pontes, 2016.

GOELLNER, S. V. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas: Autores Associados: CBCE, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004. Disponível em http://revista.cbce.org .br/index.php/RBCE/article/view/227. Acesso em 08 dez. 2020.

GOELLNER, S. V. Bela, materna e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. Disponível em https://www.lume.ufrgs.br/handle/10v v183/2709. Acesso em 08 dez. 2020.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. Editora: Companhia das letras, v.1, 2007.

IRIART J, CHAVES J. C, ORLEANS R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Caderno de Saúde Pública,** v. 25, n.3, 2009. Disponível em https://www.scielosp.org/article/csp/2009.v25n4/773-782/pt/. Acesso em 05 dez. 2020.

JAEGER, A. A; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 3, p. 955-976, 2011. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000300016. Acesso em 08 dez. 2020.

JAEGER, A. A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo.** Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2009. Disponível em https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15749?show=full. Acesso em 08 dez. 2020.

KAYE, K. **iron maidens.** Nova York: Thunder's Mouth Press, 2015.

LESSA, P; SANTOS, I. **Mestre Puma e Larissa Cunha:** na história da musculação competitiva. Editora Appris, 2020.

LESSA, P. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**. Florianópolis: editora UFSC, a. XVII, n. 24, p. 157-172, jun. 2005. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/862. Acesso em 08 dez. 2020.

LOMBARDO, G. **A estética da Antiguidade Clássica**. Lisboa: Estampa, 2003.

MOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE, S. J. (Org). **A Representação social da mulher na Educação Física e no Esporte**, Rio de Janeiro: EDUGF, v. 190, 1996.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento (ESEFID/UFRGS**), Porto

Alegre, v. 6, n. 13, p. 5-18, dez. 2000. Disponível em https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11777. Acesso em: 08 dez. 2020.

RUBIO, K; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento (ESEFID/UFRGS),** v. 5, n. 11, p. 50-56, 1999. Disponível em https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2484. Acesso em 08 dez. 2020.

SIMSON, V. e JENNINGS, A. **Os senhores dos anéis**: Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas. São Paulo. Editora Best Selles, Círculo do Livro, 1992.

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: Goldenberg M, org**. Nu & vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-88.

SANTOS, I; LESSA, P. As Strongwomens da Belle Époque e a quebra do mito da fragilidade inata. **Koan:** revista de educação e complexidade. n. 5, jul. 2017. Disponível em. Acesso em 08 dez. 2020. Disponível em http://www.crc.uem.br/departamento-de-pedagogia-dpd/koan-revista-de-educacao-e-complexidade/edicao-n-5-dez-2017/edicao-n-5-dez-2017/as-strongwomen-da-belle-epoque-e-a-quebra-do-mito-da-fragilidade-inata. Acesso em 08. dez. 2020.

SCHWARZENEGGER, A. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

TANNO, A. P. et al. A nandrolona e o treinamento de resistência induzem a remodelação cardíaca: papel dos genes fetais e implicações na fisiopatologia cardíaca. **Life Science**, Arizona, v. 89, n. 17-18, p. 631-637, 2011.

THOMAS, J. Barbie adulta travando uma guerra contra seu corpo. **O Jornal Independente**. 2015.

THOMAS R.B; ROGER W.E. **Fundamentos do treinamento de força e condicionamento físico.** 2010.

VASCONCELOS, R. V. **As representações sociais do corpo por mulheres praticantes de atividade física: que estética é essa?** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em http://cev.org.br/biblioteca/as-representacoes-sociais-corpo-por-mulheres-praticantes-atividade-fisica-que-estetica-essa/. Acesso em 08 dez. 2020.

VIGNE, J. A. P. **Beleza feminina:** da academia para o trabalho: o padrão atual das mulheres da rocinha. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

WEBBER, C. Plano de fundo, primeiro plano, prospectiva: a terceira dimensão da criminologia cultural. **Crime, mídia e cultura**, v.3, n. 2, p. 139-157, 2007.

WESLEY, J. K. Negociando Gênero: Musculação e o Continuum Natural = Não Natural. **Sociology of Sport Journal,** v. 18, p. 162-180, 2011.

WINTERMANTEL, J.; WACHSMUTH, N.; SCHMIDT, W. *Doping* cases among elite athletes from 2000 to 2013. **Dtsch Z Sportmed**, v. 67, p. 263-269, 2016.

WYSOCZANSKI, M. et al. Acute myocardial infarction in a young man using anabolic steroids. **Angiology**, New York, v. 59, n 3, p. 376-378, 2008.

YOUNG, I.M. **About the experience of the female body**. Nova York: Oxford University Press. 2015.